



INSTITUTO SUPERIOR
Manuel Teixeira Gomes

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

Dissertação de Mestrado:

Soluções Construtivas e Elementos de Fachada de Tavira

Levantamento e caracterização relativa ao período até meados do século XX

Orientador: Professor Licínio Carvalho

Com a colaboração da Professora Doutora Clara Gonçalves

Discente: Rui Silva

Portimão, Junho de 2009

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao professor Licínio Carvalho, orientador da tese de mestrado, pela enorme disponibilidade demonstrada, pelo apoio e esclarecimento de dúvidas prestado, quer relacionadas com a pesquisa quer quanto à redacção.

À professora Doutora Clara Gonçalves, pela pronta disponibilidade e pela correcção e sugestões que melhoraram significativamente o objectivo pretendido.

Ao gabinete da Arquitecta Aida Correia, pelos trabalhos fornecidos para a elaboração da tese e à flexibilidade demonstrada ao longo deste período.

Agradeço igualmente à minha família e amigos que ao longo deste ano sempre me deram o apoio necessário para não desistir, em particular á minha mãe Fernanda Miguel, à minha namorada, Tânia Silva e à sua mãe Helena Nóbrega. A vós um muito obrigado.

Por último, gostaria de agradecer a todos os que directa ou indirectamente me auxiliaram na elaboração deste projecto. Um obrigado especial aos amigos, Dina Horta, Eva Gonçalves, Luís Loures, Maria Eugénia e Mauro Santos pelo apoio e pela ajuda dada ao longo do curso e da elaboração da dissertação.

RUI FILIPE MIGUEL DA SILVA.

MESTRADO EM: Arquitectura Tradicional em Tavira.

TÍTULO: Soluções Construtivas e Elementos de Fachada de Tavira.

Levantamento e caracterização relativa ao período até meados do século XX.

ORIENTADOR: Professor Licínio Carvalho.

PROVAS CONCLUÍDAS EM: 30-06-2009

RESUMO

O presente trabalho consiste no desenvolvimento do tema “Soluções Construtivas e Elementos de Fachada de Tavira”, envolvendo o período desde o início do século XIX até meados do século XX, e está estruturado em quatro capítulos, sendo o primeiro de apresentação geral do trabalho.

No capítulo 2, “Enquadramento Histórico da Arquitectura em Tavira” é reunida e organizada informação, desde a fundação de Tavira até à 1ª metade do século XX, que contempla a história e formas de expressão arquitectónica correspondentes a esse período.

O capítulo 3, “Soluções Construtivas”, dá a conhecer diferentes sistemas construtivos na cidade de Tavira. É também apresentada pormenorização construtiva. Toda a informação é sistematizada, caracterizada e devidamente enquadrada, com base na documentação reunida e na observação do edificado.

O capítulo 4, “Elementos de Fachada” apresenta inúmeros elementos que justificam um olhar atento de levantamento, pormenorização e enquadramento. A fotografia teve um papel relevante, já que complementa e auxilia à elaboração da pormenorização. Os aspectos de fachada são naturalmente acompanhados do indispensável enquadramento, quer histórico, quer arquitectónico.

Por fim, no último capítulo, sistematizam-se num breve texto as conclusões do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Soluções Construtivas, Elementos de Fachada, Tavira, Enquadramento Histórico, Arquitectura Tradicional em Tavira, Levantamento e caracterização.

RUI FILIPE MIGUEL DA SILVA.

MASTERSHIP IN: Traditional Architecture in Tavira.

TITLE: Solutions for the construction and facade of Tavira
Research and characterization regarded the time period until mid 20th century.

DIRECTOR: Professor Licínio Carvalho.

TESTS CONCLUDED IN 30-06-2009

ABSTRACT

The following document reflects on the theme “solutions for the construction and facade of Tavira”, covering the period that goes from the beginning of the 19th century until mid 20th century. The paper is organized in four chapters, consisting the first one the overall presentation of the work.

The second chapter, “Tavira’s Architecture Historical Context” unites and organizes information related to Tavira, since its foundation, until the first half of the 20th century, focusing on history and architectural expression of the corresponding period.

The third chapter, “constructive solutions”, introduces different constructive systems, as the “four waters” coverings, typical of Tavira. Besides this one, different general constructive solutions are presented, as well as detailed constructive solutions. All of this information is systematized, characterized, and duly contextualized, according to the research accomplished and the observation of what was built.

The fourth chapter, “elements of facade”, presents different elements, which justify the focusing on research, detail and contextualization. Photography has an important role, since it’s the medium of expression that better suits the objectives of research and detailed analyses.

By the end, in the last chapter, a brief text presents all conclusions achieved with this research work.

KEY-WORDS: Constructive Solutions, Facade Elements, Tavira, Historical Context, Traditional Architecture in Tavira, Research and Characterization.

Índice

1. Introdução.....	1
1.1.Objectivos e Metodologia.....	1
1.2.apresentação do trabalho.....	2
2. Enquadramento Histórico da Arquitectura em Tavira.....	3
2.1. Da Fundação ao Século XII.....	4
2.2. Século XIII.....	6
2.3. Século XIV.....	7
2.4. Século XV.....	9
2.5. Século XVI.....	10
2.6. Século XVII.....	12
2.7. O Renascer no século XVIII.....	13
2.8. Do século XIX aos nossos dias.....	15
3. Elementos construtivos.....	18
3.1. Caracterização geral dos edifícios.....	19
3.2. Alvenarias.....	26
3.3. Coberturas.....	28
3.3.1. Coberturas planas.....	29
3.3.2. Cobertura de 1 Água.....	30
3.3.3. Cobertura de 2 Águas.....	31
3.3.4. Cobertura de 4 águas (Telhados de tesoura).....	32
3.3.5. Águas Furtadas.....	34
3.4. Pavimentos e revestimentos de piso.....	35
4. Elementos de fachada.....	37
4.1. Caracterização geral dos alçados.....	37
4.2. Beirados e platibandas.....	42
4.2.1. Beirados simples.....	43
4.2.2. Beirados duplos.....	44
4.2.3. Platibandas.....	45
4.2.4. Cimalha com pisa-pardais.....	47
4.3. Águas pluviais.....	48
4.4. Chaminés.....	49
4.5. Vãos.....	51
4.5.1. Portas de Reixa.....	52
4.5.2. Portas tradicionais.....	53
4.5.3. Janelas de sacada com gradeamento.....	56
4.5.4. Janelas tradicionais de peito.....	59
4.5.5. Óculos.....	61
4.6. Guardas.....	62
4.6.1. Guardas em ferro forjado e ferro fundido.....	62
4.6.2. Guardas em betão pré-moldado.....	63
4.7. Cachorros.....	64
4.8. Puxadores.....	65
4.9. Grades de postigo.....	66
4.10. Azulejos.....	67
4.11. Cor.....	68
5. Conclusões e considerações finais.....	69
6. Referências.....	71
6.1. Referências gerais.....	71
6.2. Referências específicas.....	73
6.3. Recursos na Internet.....	75
6.4. Outros recursos.....	76

Índice de Figuras

Fig.1.1 Convento de N. S. da Graça	01
Fig.2.1 Épocas do desenvolvimento do centro histórico de Tavira.	03
Fig.2.1.1 Torre octogonal do traçado da muralha.	04
Fig.2.1.2 “Ponte romana de Tavira (actual)	05
Fig.2.1.3 Vau do rio Gilão	05
Fig.2.2.1 Igreja de Santa Maria do castelo	06
Fig.2.3.1 Porta D. Manuel (século XIV)	07
Fig.2.3.2 Igreja do antigo Convento de São Francisco	08
Fig.2.4.1 Palácio da Galeria	09
Fig.2.5.1 Átrio do Convento das Bernardas	10
Fig.2.5.2 Convento das Bernardas	10
Fig.2.5.3 Pórtico Manuelino, no Convento das Bernardas	10
Fig.2.5.4 Muralha, ruínas das habitações e baluarte do forte do Rato (1ª metade século XVI)	11
Fig.2.6.1 Gravura seiscentista de Tavira: Ao centro a ponte com um único arco.	12
Fig.2.6.2 Igreja de Nossa Senhora da Ajuda do Antigo Convento de São Paulo.	12
Fig.2.7.1 Fachada	13
Fig.2.7.2 Fresco	13
Fig.2.7.3 Altar	13
Fig.2.7.4 quartel da Atalaia aquando da visita do rei D. Carlos em 1897	14
Fig.2.7.5 Quartel da Atalaia (actual)	14
Fig.2.8.1 Planta de Tavira – século XIX – Cor. Eng.º Sande de Vasconcelos	15
Fig.2.8.2 Mercado Municipal da Ribeira (1887 a 1998)	15
Fig.2.8.3 Nº 15 da rua 1º de Maio - Fachada edifício Arte nova	16
Fig.2.8.4 Nº 15 da rua 1º de Maio - Guardas em betão moldado	16
Fig.2.8.5 Nº 15 da rua 1º de Maio - Vãos recortados	16
Fig.2.8.6 Fachada e vãos da antiga cadeia da Atalaia, depois da requalificação, respeitando a traça existente, arte nova.	17

Fig.3.1.1 Planta de uma rua	19
Fig.3.1.2 Fachadas na cidade de Tavira	19
Fig.3.1.3 Esquema de volumetria característica de Tavira	19
Fig.3.1.4 Exemplo de um edifício da 1ª metade do século XIX – planta do rés-do-chão	20
Fig.3.1.5 Exemplo de um edifício da 1ª metade do século XIX – planta do 1º andar	20
Fig.3.1.6 Exemplo 2 de um edifício do século XIX – planta do rés-do-chão	22
Fig.3.1.7 Exemplo 2 de um edifício do século XIX – planta do 1º piso	23
Fig.3.1.8 Exemplo 2 de um edifício do século XIX – planta do 2º piso	24
Fig.3.1.9 Exemplo 2 de um edifício do século XIX – planta da cobertura	25
Fig.3.2.1 Parede mestra em taipa rodízio	26
Fig.3.2.2 Esquema fundação directa corrente	26
Fig.3.2.3 Alvenaria de taipa rodízio	26
Fig.3.2.4 Alvenaria de taipa assente em alvenaria de taipa rodízio	26
Fig.3.2.5 Pormenor de uma parede em taipa	27
Fig.3.2.6 Corte construtivo – alvenaria de taipa rodízio	27
Fig.3.3.1 Piso duplo com telhado de quatro águas e beirado simples com caleira	28
Fig.3.3.1.1 Corte construtivo – cobertura plana com arco de suporte	29
Fig.3.3.1.2 Abóbada em tijolo regional	29
Fig.3.3.1.3 Arco em tijolo regional	29
Fig.3.3.2.1 Edifício de uma água	30
Fig.3.3.2.2 Pormenor de cobertura simples	30
Fig.3.3.2.3 Telhado de uma água	30
Fig.3.3.3.1 Telhado de duas águas e platibanda com caleira entre edifícios	31
Fig.3.3.3.2 Telhado de duas águas	31
Fig.3.3.3.3 Telhado de duas águas	31
Fig.3.3.4.1 Piso simples com telhado de quatro águas e beirado com caleira	32
Fig.3.3.4.2 Maqueta de telhado de tesoura	33
Fig.3.3.4.3 Estrutura de um telhado de tesoura	33

Fig.3.3.4.4 Planta de estrutura e de cobertura de um telhado de tesoura	33
Fig.3.3.4.5 Interior de um telhado de tesoura	33
Fig.3.3.4.6 Telhado de tesoura	33
Fig.3.3.5.1 Esquema em planta de uma trapeira	34
Fig.3.3.5.2 Alçado de uma trapeira	34
Fig.3.3.5.3 Corte C:D	34
Fig.3.3.5.4 Corte A:B	34
Fig.3.3.5.5 Trapeira	34
Fig.3.3.5.6 Trapeiras	34
Fig.3.4.1 Ladrilho cerâmico	35
Fig.3.4.2 Ladrilho de barro	35
Fig.3.4.3 Rosácea em ladrilho de barro	35
Fig.3.4.4 Ladrilho de barro	35
Fig.3.4.5 Pavimento de vão múltiplo com viga metálica e de madeira	36
Fig.4.1.1 Exemplo de um edifício de dois pisos com telhado de duas e quatro águas e vãos característicos da 1ª metade do século XIX	37
Fig.4.1.2 Exemplo de um edifício de dois pisos com telhado de duas e quatro águas e vãos característicos da 1ª metade do século XX	38
Fig.4.1.3 Exemplo de um edifício de um piso com cornija, platibanda, telhado de quatro águas e vãos característicos da 2ª metade do século XIX	38
Fig.4.1.4 Exemplo de um edifício de dois pisos com cornija, telhado de quatro águas e vãos característicos do século XIX	39
Fig.4.1.5 Exemplo de um edifícios com platibanda, telhado de quatro águas, forrado a azulejo e vãos característicos da 2ª metade do século XIX.	39
Fig.4.1.6 Exemplo de um conjunto de edifícios de dois pisos com platibanda, telhado de quatro águas e vãos característicos do século XIX	40
Fig.4.1.7 Exemplo de um conjunto de edifícios de dois pisos com cornija, platibanda, telhado de quatro águas e vãos característicos do século XIX	40
Fig.4.1.8 Exemplo de um conjunto de edifícios de dois e três pisos com cornija, platibanda, telhado de quatro águas e vãos característicos dos séculos XIX e 1ª metade do século XX.	41
Fig.4.1.9 Exemplo de um edifício de dois pisos com cornija, platibanda de ferro forjado, telhado de quatro águas e vãos característicos do século XIX	41
Fig.4.2.1 Pormenor de beirados simples com cimalkas	42

Fig.4.2.2 Beirado com cimalha	42
42Fig.4.2.3 Beirado simples	42
Fig.4.2.1.1 Pormenor de um beirado simples com caleira	43
Fig.4.2.1.2 Beirado simples com caleira	43
Fig.4.2.1.3 Pormenor de um beirado simples	43
Fig.4.2.1.4 Beirado simples	43
Fig.4.2.2.1 Duplo beirado com caleira	44
Fig.4.2.2.2 Duplo beirado no edificado de Tavira	44
Fig.4.2.3.1 pormenor de uma platibanda	45
Fig.4.2.3.2 Platibanda	45
Fig.4.2.3.3 Platibanda com trabalho em massa	45
Fig.4.2.3.4 Beirado com platibanda	45
Fig.4.2.3.5 Tijolo maciço visível numa platibanda	46
Fig.4.2.3.6 Pormenor Decorativo em massa	46
Fig.4.2.3.7 Corte construtivo – telhado simples com platibanda e tubo de queda embutido.	46
Fig.4.2.4.1 Cimalhas com pisa-pardais	47
Fig.4.2.4.2 Cimalhas com pisa-pardais	47
Fig.4.3.1 Goteira em barro	48
Fig.4.3.2 Gárgula em pedra	48
Fig.4.3.3 Goteira em pedra com ponta em ferro	48
Fig.4.3.4 Goteira em grés	48
Fig.4.3.5 Tubo de queda embutido, em grés	48
Fig.4.3.6 Tubo de queda na fachada, em grés	48
Fig.4.4.1 Esquemas de chaminés típicas de Tavira	49
Fig.4.4.2 Fotografias de chaminés típicas de Tavira	50
Fig.4.5.1 Proporções dos vãos	51
Fig.4.5.2 Proporções típicas dos Vãos	51
Fig.4.5.1.1 Porta de reixa	52

Fig.4.5.1.2 Pormenor da reixa	52
Fig.4.5.1.3 Vãos em reixa na cidade de Tavira	52
Fig.4.5.2.1 Pormenor de uma porta	53
Fig.4.5.2.2 Vãos tradicionais na cidade de Tavira	53
Fig.4.5.2.3 Esquemas de portas tradicionais de Tavira de diferentes épocas.	55
Fig.4.5.3.1 Pormenor de uma Janela de Sacada	56
Fig.4.5.3.2 Sacadas e guarnições em cimento pré-moldado	56
Fig.4.5.3.3 Sacadas em pedra com guarnição em ferro fundido e forjada	56
Fig.4.5.3.4 Esquemas de janelas de sacada de Tavira de diferentes épocas.	58
Fig.4.5.4.1 Pormenor de uma janela de peito	59
Fig.4.5.4.2 Vãos tradicionais na cidade de Tavira	59
Fig.4.5.4.3 Esquemas de janelas de peito de Tavira de diferentes épocas	60
Fig.4.5.5.1 Óculos na cidade de Tavira	61
Fig.4.6.1.1 Guarda em ferro forjado	62
Fig.4.6.1.2 Guarda em ferro fundido	62
Fig.4.6.2.1 Guardas em betão pré-moldado	63
Fig.4.7.1 Cachorros em pedra	64
Fig.4.8.1 Puxador em ferro forjado	65
Fig.4.8.2 Puxador em ferro fundido	65
Fig.4.8.3 Puxador em latão	65
Fig.4.9.1 Grade em ferro e latão	66
Fig.4.10.1 Azulejos do século XIX até à 1ª metade do século XX	67
Fig.4.11.1 Óxido de ferro “sangue de boi”	68
Fig.4.11.2 Branco cal	68
Fig.4.11.3 Oxido de ferro amarelo e branco cal	68
Fig.4.11.4 Verde metálico	68
Fig.4.11.5 Oxido de ferro amarelo	68

1. Introdução

Tavira é uma cidade com um vasto património no âmbito da arquitectura nacional, porque, ao contrário de tantas outras, não só, não cedeu à especulação imobiliária, como ainda soube preservar e valorizar todo o seu espólio arquitectónico, propiciando deste modo uma nova valência à cidade como destino turístico, cultural e histórico. Possuidora de um legado único, o tema a abordar no trabalho abraça as áreas de crescimento na cidade ao longo dos tempos, desde o seu núcleo medieval “Intra-muros” até ao século XVIII, mas sobretudo abraçando as áreas de crescimento do século XIX à primeira metade do século XX.

Numa era em que a arquitectura rasga novos horizontes, é imprescindível preservar todo um legado, como as soluções construtivas enraizadas e bem adaptadas ao clima do Sul de Portugal e que perduram até aos nossos dias (figura 1.1).



Fig.1.1 Convento de N. S. da Graça

1.1.Objectivos e metodologia

Os objectivos do trabalho foram identificar, caracterizar e enquadrar os diferentes aspectos construtivos de Tavira até meados do século XX. Consistiram num levantamento das soluções construtivas em geral e dos elementos de fachada mais relevantes no edificado, sendo tratado com mais pormenor o período a partir do início no século XIX até aos meados do século XX.

A metodologia seguida envolve a pesquisa no Arquivo Histórico de Tavira, a observação do património edificado no período estudado e a análise bibliográfica.

No Arquivo Histórico de Tavira foi possível encontrar informação sobre o património e diversa documentação de interesse.

Nas visitas aos edifícios existiu a preocupação de registrar os aspectos construtivos, através de fotografias, esquemas e outras formas apropriadas.

Na bibliografia houve a necessidade de desvendar informação sobre o enquadramento histórico, político-social e económico, bem como as influências culturais que condicionara o desenvolvimento da arquitectura e em concreto dos seus aspectos construtivos. Encontrara-se também publicações que, para outras cidades, apresentam trabalhos análogos ao que se planeou.

1.2. Apresentação do trabalho

Para além desta introdução o trabalho inclui os pontos descritos a seguir.

No ponto **2** – Enquadramento histórico da arquitectura em Tavira – foi reunida e organizada informação sobre as diferentes épocas em estudo e formas de expressão arquitectónica correspondentes.

O ponto **3** – Soluções construtivas – aborda as coberturas de quatro águas típicas de Tavira. Surgem também outras soluções construtivas que são sistematizadas, caracterizadas e devidamente enquadradas nesta fase do trabalho, com base na documentação reunida e também na observação do edificado.

Por fim, no ponto **4** – Elementos de fachada – é reunida informação das fachadas do edificado histórico de Tavira que apresentam inúmeros elementos que justificam um olhar atento de levantamento, pormenorização e enquadramento. A fotografia tem nesta fase do trabalho um papel de relevo, já que corresponde à forma de expressão que melhor satisfaz os objectivos, quer de levantamento, quer de pormenorização. É naturalmente acompanhada do indispensável enquadramento, quer histórico, quer arquitectónico.

2. Enquadramento histórico da arquitectura em Tavira

É possível encontrar em Tavira diversas linguagens arquitectónicas. Fundada na época dos fenícios e cartagineses, vislumbram-se vários estilos, como o gótico, o manuelino, o renascimento, entre outras.

Todas estas linguagens arquitectónicas dotaram a cidade de inúmeros aspectos únicos. Muitos resultam da união das diferentes vertentes onde a adição e a reutilização é adoptada em detrimento da negação.

Como principal exemplo destacam-se os telhados de tesoura que ao longo dos tempos foram reproduzidos em todo o edificado da cidade, sobrepondo-se mesmo à corrente predominante de cada época.

A figura 2.1 ilustra as diferentes épocas do desenvolvimento do centro histórico de Tavira.

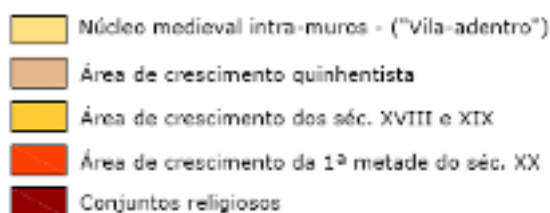


Fig.2.1 Épocas do desenvolvimento do centro histórico de Tavira.
[Retirado de: HORTA, Dina, 2006]

2.1. Da Fundação ao Século XII

Tavira era um pequeno povoado e de pouca relevância na época romana. Nesse período, Balsa era a capital de um vasto território que se estendia entre Moncarapacho e o Guadiana. No entanto, era já visível a presença de um grande campo de ruínas tartéssicas na colina de Santa Maria (Villa Frígida, actual Bela Fria), deixadas ao abandono séculos antes.

É sobre essas ruínas que se ergue a cidade e onde posteriormente se consolida o aglomerado medieval intra-muros. As muralhas remontam ao período islâmico, subsistindo um ou outro fragmento de cortina dessa época espalhados por todo o núcleo medieval intra-muros, podendo ser ainda possível reconstruir praticamente todo o traçado original que possuía uma forma trapezoidal com sete torres, duas das quais octogonais.

A figura 2.1.1 ilustra a única torre octogonal que ainda persiste no traçado dessa muralha.



Fig.2.1.1 Torre octogonal do traçado da muralha.

Na principal via romana do Algarve, no percurso entre a cidade de Balsa e a cidade de Baesuris, julga-se que terá estado integrado um troço que passava no local da actual ponte romana e que era assegurado por uma estrutura de madeira, entretanto perdida face á sua durabilidade limitada. Posteriormente esta terá sido reutilizada e desenvolvida pelo crescimento de Tavira.

A figura 2.1.2 ilustra a ponte romana.



Fig.2.1.2 “Ponte romana de Tavira (actual)”

O vau do rio destacava-se então pela passagem da referida via, que curiosamente divide o rio em dois nomes, o rio Gilão que corresponde à Foz e o rio Séqua que corresponde à nascente, onde possivelmente existiu um santuário fluvial que se crê poder ser a origem do nome do rio Séqua, de influência pré-romana.

Depois de cristianizado, o sítio do vau do rio Gilão (figura 2.1.3) acolhia um pequeno povoado localizado na margem esquerda do rio (actual colina de Sant'Ana). No século XII, depois de totalmente islamizado, o local denominar-se-ia Gilla, nome árabe que provavelmente terá evoluído para o nome da actual foz do rio, Gilão.



Fig.2.1.3 Vau do rio Gilão

2.2. Século XIII

Conquistada pelo exército cristão em 1242, Tavira seria doada à ordem religiosa de Santiago e dois anos mais tarde, em 1266, *D. Afonso III* (1210 a 1279) concedia-lhe o foral de vila.

Com a construção da Igreja de Santa Maria do Castelo (figura 2.2.1) no século XIII, dá-se início ao gótico em Tavira. Os graves danos sofridos por esta igreja após o terramoto de 1755 levaram à sua reconstrução nos finais do século XVIII, que ocultaram parte da linguagem gótica deste edifício.



Fig.2.2.1 Igreja de Santa Maria do castelo

Os principais aspectos construtivos desta época e em concreto neste edifício firmam-se acima de tudo com o pórtico principal e os seus capitéis vegetalistas. As duas capelas colaterais da cabeceira são cobertas por abóbadas assentes em capitéis também de decoração vegetalista.

Na estrutura arquitectónica vislumbra-se a traça medieval de três naves, conservando assim alguma da traça gótica que preside à sua construção original.

2.3. Século XIV

Em 1303 o *Rei D. Dinis* (1261 a 1325) que, numa deslocação a Tavira, constata a importância estratégica desta cidade, impõe a reconstrução das muralhas do castelo, assim como a própria configuração original em arco quebrado ainda do estilo gótico da que virá a chamar-se *Porta de D. Manuel I* (figura 2.3.1), Esta última viria a revelar-se de extrema importância na expansão da cidade fora de muros, que ocorreu na passagem para a Idade Moderna, por se tratar do principal eixo de transição entre o interior e o exterior das muralhas. A configuração actual em arco de volta inteira que acabou por ficar entre dois edifícios, ligando a Rua da Afeição à do Postigo, foi-lhe conferida mais tarde por *D. Manuel I* (1469 a 1521).



Fig.2.3.1 Porta D. Manuel (século XIV)

O aglomerado urbano restringia-se a uma área com cerca de cinco hectares amuralhados em torno da colina de Santa Maria.

Com a sectorização religiosa, a comunidade árabe seria relegada para um arrabalde periférico “fora de muros” coincidindo com a instalação da judiaria dentro das muralhas, no local onde actualmente se situa o antigo Convento de Nossa Senhora da Graça.

No século XIV, Tavira, para além de importante porto comercial, servia como base naval de apoio à Armada Portuguesa.

É neste período, já no reinado de *D. Dinis*, que é erguido o antigo Convento e Igreja de São Francisco (figura 2.3.2), doado aos Franciscanos em 1312. Da sua traça original só se conserva a sacristia e duas capelas do estilo gótico. Já no seu exterior destaca-se um campanário de estilo barroco.



Fig.2.3.2 Igreja do antigo Convento de São Francisco
[Retirado de: RIBEIRO, Octávio Pereira]

De visita a Tavira, também *D. Pedro I* (1320 a 1367) em 1359, constata a importância da vila como grande centro comercial marítimo, tanto nacional como internacional. A economia é controlada então pelos Judeus, tendo os seus direitos sido reconhecidos mais tarde por *D. João I* (1357 a 1433), em 1386. E é no final do século XIV que Tavira se converte na região mais importante do então Reino do Algarve.

2.4. Século XV

O Século XV é, para Tavira, o seu período mais áureo. Em 1415, é o ponto de partida da Armada Portuguesa para o Norte de África. Após a conquista de Ceuta, a armada de *D. João I* (1357 a 1433) regressa, mais uma vez, para desembarcar no porto da cidade.

Tal ascensão leva Tavira a ocupar o terceiro banco nas Cortes de Lisboa, convocadas por *D. Manuel I* (1469 a 1521) em 1498.

Com tanta prosperidade, Tavira assume contornos arquitectónicos de excelência. A sua arquitectura é consagrada por uma conjugação de correntes arquitectónicas, acompanhando sempre as principais correntes nacionais, fruto da sua privilegiada situação político-económica.

O Palácio da Galeria (figura 2.4.1), palácio quinhentista profundamente remodelado no séc. XVIII, é o mais rico exemplar de casa fidalga urbana de Tavira. No seu interior, destaca-se uma pequena galeria quinhentista.

Construído na colina da urbe no século XVI, foi reconstruído entre 1753 e 1756, adquirindo então o seu aspecto barroco actual. A reconstrução ficou a cargo do arquitecto *Diogo Tavares* (1711 a 1765), que determinou a filosofia da intervenção, na composição da fachada, cantarias, bem como nas janelas do piso superior. Sabe-se agora que o edifício assenta numa estrutura de origem fenícia.

Numa observação meticulosa ao interior do palácio deparamo-nos com técnicas construtivas de enorme valor histórico.



Fig.2.4.1 Palácio da Galeria

2.5. Século XVI

Tavira é elevada ao estatuto de cidade por *D. Manuel I* (1469 a 1521) em 1520, graças à sua posição privilegiada e ao dinamismo sempre crescente do seu porto. O facto de ter sido um importante ponto estratégico para a defesa dos territórios portugueses do norte de África, e ter contribuído para as guerras contra Castela, ajudou na decisão. A cidade expande-se, dividida pelo rio, mas unida pela ponte. A praça do município converte-se no centro político e administrativo onde se fomenta a presença religiosa.

Numa era de descobrimentos, como acção de graças pela vitória de Arzila em África, *D. Manuel I* (1469 a 1521) ordena a construção do Convento das Bernardas (figura 2.5.1 e 2.5.2) em 1509 e em 1530 este foi entregue às Monjas de Cister, por *D. Fernando Coutinho* (1776 a 1834) antigo par do Reino. De planta quadrada, o convento obedece à construção Cisterciense. Da traça original são ainda visíveis, o pórtico manuelino (figura 2.5.3), o claustro, bem como algumas colunas com capitéis, que resistiram ao terramoto ocorrido em 1755.



Fig.2.5.1 Átrio do Convento das Bernardas



Fig.2.5.2 Convento das Bernardas



Fig.2.5.3 Pórtico Manuelino, no Convento das Bernardas

Ainda deste período, mas já de traça renascentista, é erguida a Igreja da Misericórdia. Construída pelo mestre pedreiro André Pilarte¹, é, muito provavelmente a mais valiosa obra desse período em Tavira. O seu interior de três naves destaca-se pelos retábulos de talha dourada e pelos azulejos do século XVIII que representam obras da Misericórdia e Passos da Vida de Cristo.

É já no reinado de *D. Sebastião* (1554 a 1578), com o objectivo da defesa da entrada do porto de Tavira, que é ordenada a construção do Forte do Rato / Fortaleza de Santo António (figura 2.5.4), a sueste da cidade, junto à foz do rio. De planta poligonal com baluartes nos ângulos, este forte é de arquitectura militar da época moderna. No seu interior são ainda visíveis as ruínas das habitações que serviam de alojamento à guarnição e de paiol de Tavira, bem como um poço de abastecimento de água.



Fig.2.5.4 Muralha, ruínas das habitações e baluarte do forte do Rato (1ª metade do século XVI)

¹ Desconhece-se a data exacta em que viveu. Sabe-se apenas que se trata de um mestre pedreiro do século XVI.

2.6. Século XVII

No século XVII o porto de Tavira (figura 2.6.1), que fora anteriormente pólo de origem de desenvolvimento económico, social e demográfico, encontra-se, em declínio. No início do século vive-se um período de grande agitação social e o Algarve enfrenta uma situação de forte decadência económica e política devido ao abandono dos territórios africanos, e ao crescente interesse pela Índia e Brasil. Com a Restauração, existe uma nova esperança devido à atribuição a Tavira, por D. João IV (1604 a 1656) em 1641, de todos os privilégios que haviam sido anteriormente retirados.



Fig.2.6.1 Gravura seiscentista de Tavira: Ao centro a ponte com um único arco.
[Retirado de: SILVA, Luís Fraga da]

No entanto, este período conturbado alberga algumas das obras arquitectónicas de grande valor de Tavira, como a Igreja de São Paulo, também denominada de Nossa Senhora da Ajuda (figura 2.6.2). De origem renascentista, a sua fachada é precedida por uma galilé abobadada, cujo fecho se faz por um escudo português em alvenaria. A sua



planta em cruz latina e o seu interior, de uma só nave, realça um retábulo no altar-mor, do século XVII, em que se encontra a imagem de Nossa Senhora da Ajuda.

Fig.2.6.2 Igreja de Nossa Senhora da Ajuda do Antigo Convento de São Paulo.

2.7. O renascer no século XVIII

No século XVIII assiste-se ao renascer da cidade. A par com o crescimento económico, regista-se um forte desenvolvimento urbanístico, incentivado pela burguesia residente. Estas mudanças orientaram a cidade para as construções de natureza religiosa e militar. São também consumadas obras de requalificação do edificado religioso existente como resposta aos vários terramotos sofridos durante esse período.

Nas construções de cariz religioso destaca-se a Igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo (figura 2.7.1), em estilo Barroco, construída na segunda metade do século XVIII no actual Largo do Carmo. De planta em cruz latina de uma só nave, sobressaem no seu interior diferentes obras de estilo barroco e rococó, com grande valor artístico, assinalando-se um importante retábulo no altar-mor realizado por Patrício Malatesta² (figura 2.7.2 e 2.7.3).



Fig.2.7.1 Fachada



Fig.2.7.2 Fresco



Fig.2.7.3 Altar

² Desconhece-se a data exacta em que viveu. Sabe-se apenas que viveu no século XVIII.

Neste período destaca-se ainda o Quartel da Atalaia (figura 2.7.4 e 2.7.5), erguido em 1795 a mando de D. Maria I (1777-1816) e destinado a alojar o regimento da Praça de Tavira. A planta rectangular é organizada por vários corpos que circundam um pátio central. A notoriedade deste edifício advém das suas diferentes coberturas de quatro águas e águas furtadas.



Fig.2.7.4 Quartel da Atalaia aquando da visita do rei D. Carlos em 1897
[Retirado de: RIBEIRO, Octávio Pereira]



Fig.2.7.5 Quartel da Atalaia (actual)

2.8. Do século XIX aos nossos dias

No rescaldo das Invasões Francesas, da fuga da Corte para o Brasil e das subsequentes lutas entre duas facções opostas, Absolutismo e Liberalismo, o Reino assiste a tempos conturbados nos finais do século XIX, que culminam com a vitória da facção liberal.



Fig.2.8.1 Planta de Tavira – século XIX – Cor. Eng.º Sande de Vasconcelos
[Retirado de: SILVA, Luís Fraga da]

De uma forma geral, Tavira (figura 2.8.1) seguia o Absolutismo de D. Miguel (1802 a 1866), abandonando-o apenas quando o Comandante Militar do Reino do Algarve entra na cidade. Com o regime liberal, as instituições religiosas são extintas, sendo as suas edificações ocupadas pelo novo governo.

Na sequência deste período conturbado, destacam-se construções como o



Fig.2.8.2 Mercado Municipal da Ribeira

mercado Municipal da Ribeira (figura 2.8.2), datado de 1887, que virá a albergar o mercado diário que anteriormente se fazia livremente na Praça da República. A sua actividade como mercado cessa em 1998 e as obras de restauro são concluídas em 2001 dando lugar à actual sala de exposições, artesanato e restauração.

O século XX conhece novos materiais de construção, como o betão armado. Esta nova técnica construtiva permite a experimentação de novas soluções estéticas e estruturais, que são introduzidas na casa n.º 15 da rua 1º de Maio (figura 2.8.3 a 2.8.5), a mais emblemática construção da primeira metade do século XX na cidade de Tavira.

Construída nos anos 30, pelo Capitão José Ignácio da Conceição, esta casa sobressai pelo estilo Arte Nova a nível de fachada com azulejos coloridos, bem como pelos recortes existentes dos vãos. Mas são as guardas das varandas que se destacam, pelo facto de serem de betão pré-moldado com reforço estrutural em aço, ao contrário dos tradicionais em ferro ou madeira.

Actualmente existe um esforço por parte da Câmara Municipal de Tavira de induzir os seus actuais proprietários à conservação deste imóvel, pelo seu simbolismo histórico na arquitectura da cidade.



Fig.2.8.3
Nº 15 da rua 1º de Maio,
Fachada edifício Arte nova



Fig.2.8.4
Nº 15 da rua 1º de Maio,
Guardas em betão moldado



Fig.2.8.5
Nº 15 da rua 1º de Maio,
Vãos recortados

Datada do Século XX a antiga cadeia da Atalaia ou de Tavira, localiza-se na freguesia de Santiago e expressa na sua fachada a linguagem estética e construtiva Arte Nova, claramente já novecentista, levada a cabo pelo mestre construtor Sezinando Azinheira. Composta por duas alas prisionais de carácter misto, flanqueando um corpo central de cunho administrativo, o tratamento dos alçados e volumetrias tinham como modelo remoto a arquitectura militar portuguesa quinhentista. Actualmente e depois de obras de restauro e ampliação da autoria do arquitecto João Luís Carrilho da Graça, acolhe a Biblioteca Municipal Álvaro de Campos.





Fig.2.8.6 Fachada e vãos da antiga cadeia da Atalaia, depois da requalificação, respeitando a traça existente, Arte Nova.

3. Soluções construtivas

Neste capítulo número 3 aborda-se o propósito principal deste trabalho que consiste na recolha de soluções construtivas da cidade de Tavira, considerando o período compreendido entre o início do século XIX e a primeira metade do século XX.

No ponto 3.1, apresenta-se uma caracterização geral dos edifícios, com diversos exemplos típicos do período estudado.

O ponto 3.2 ilustra soluções construtivas usadas em alvenarias e fundações.

Por fim, o ponto 3.3 sintetiza os diferentes tipos de coberturas existentes, dando maior ênfase aos telhados de tesoura, por se tratar de coberturas típicas na urbe, que perduram até aos nossos dias.

3.1. Caracterização geral dos edifícios

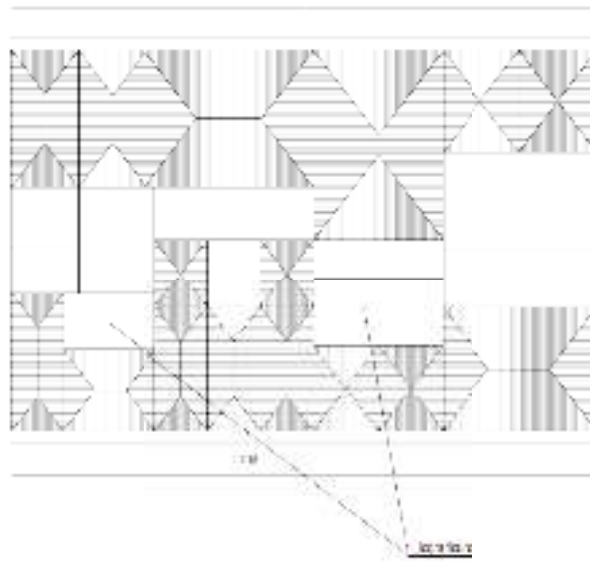


Fig.3.1.1 Planta de uma rua

Na cidade de Tavira, o limite do lote (Figura 3.1.1) faz-se pelo limite dos edifícios. A frente da habitação, orientada directamente para a rua, remete os pátios e logradouros para as traseiras do mesmo.

As fachadas possuem uma linguagem contínua e assumem uma ausência de reentrâncias ou saliências (figura 3.1.2) que conferem ao conjunto a percepção de fachada única.

A uniformidade do conjunto fica completa pelo tipo de cobertura – telhados de tesoura – apurada ao longo dos tempos, bem como pela cércea assumida pelos edifícios, que raramente ultrapassam os dois pisos (figura 3.1.3).

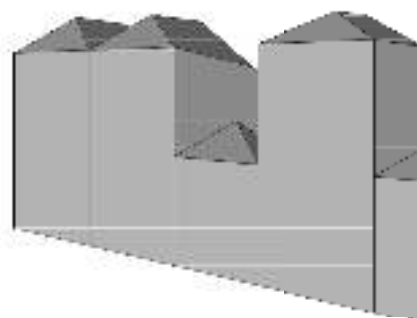


Fig.3.1.2 Fachadas na cidade de Tavira

Fig.3.1.3 Esquema da volumetria *característica de Tavira*

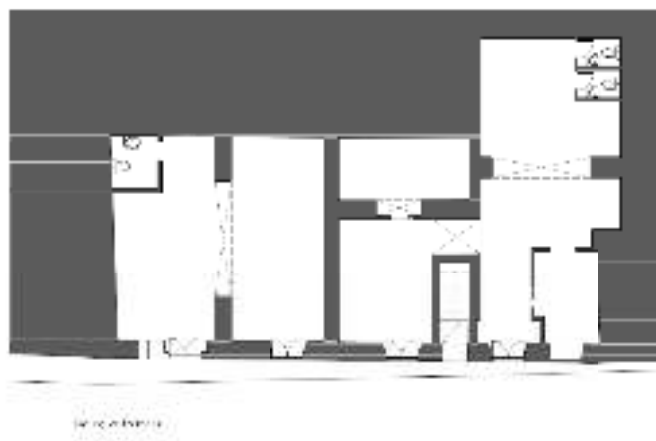


Fig.3.1.4 Exemplo de um edifício da 1ª metade do século XIX – planta do rés-do-chão
[Adaptado de CORREIA, A.]

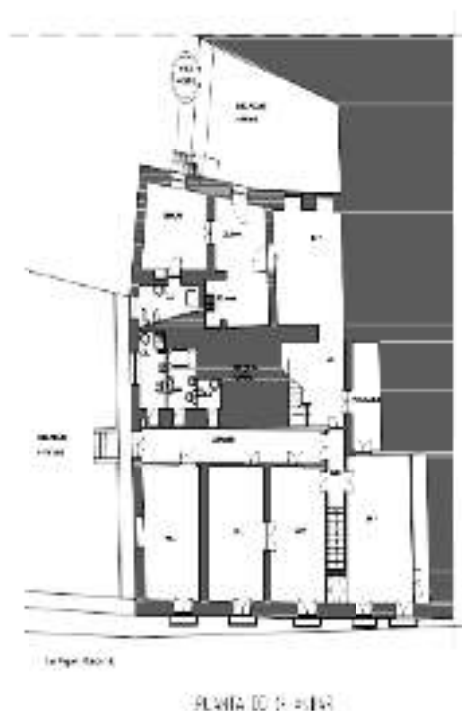


Fig.3.1.5 Exemplo de um edifício da 1ª metade do século XIX – planta do 1º andar
[Adaptado de CORREIA, A.]

As figuras 3.1.4 e 3.1.5 representam as plantas do rés-do-chão e do 1º andar de um edifício da 1ª metade do século XIX. O rés-do-chão (fig. 3.1.4) apresenta-se parcialmente em cave e é aí que se encontram os espaços de arrumos e lojas de apoio à habitação. Já o 1º andar (fig. 3.1.5), prolonga-se para além da área do piso inferior, desenvolvendo-se em torno dum torreão existente da muralha do castelo, localizado nas traseiras do edifício.

Regra geral cada habitação possuía um poço nas traseiras ou mesmo dentro do próprio edifício. Consta que os poços, segundo fonte próxima do Arquivo Histórico de Tavira³, serviam para uso exclusivo de salga de alimentos, pois a água deles extraída era salgada devido à proximidade da foz do rio.

³ - Nos múltiplos contactos que o autor teve com o Arquivo Histórico de Tavira, houve oportunidade de recolher informações diversas por via oral, de que aqui se faz uso.

Como soluções construtivas próprias deste século em Tavira destacam-se as paredes de taipa, em geral de taipa rodízio, sendo possível identificar facilmente as paredes-mestras pela sua maior espessura e pela continuidade evidenciada nas duas plantas. As aberturas existentes, principalmente nas paredes estruturais são vencidas com o recurso a arcos, construídos em tijolo regional maciço, conferindo deste modo uma maior resistência à alvenaria.

Estas edificações apresentam vãos relativamente pequenos, dada a dificuldade em vencê-los com estruturas convencionais de madeira. Característica deste tipo de edificado é a ausência do aproveitamento do vão de escadas por se tratar de um local preenchido com elementos de suporte fundamentais à sua execução.

As instalações sanitárias apresentadas nas plantas são elementos posteriores à construção do edifício, datados da 2ª metade do século XX.



Fig.3.1.6 Exemplo 2 de um edifício do século XIX – planta do rés-do-chão
[Adaptado de CORREIA, A.]

As figuras 3.1.6 a 3.1.9 representam um outro exemplo de uma habitação do século XIX de dois pisos.

Como no exemplo anterior, este tipo de edificado tem como principais características as abóbadas e arcos de suporte, as alvenarias de taipa rodízio, o soalho de madeira, os telhados de quatro águas ou telhados de tesoura, bem como os logradouros ou pequenos pátios encerrados nos quarteirões, que servem de divisão para as habitações confinantes.

Como se pode observar, seguem a mesma tipologia das plantas do exemplo 1, onde facilmente, mais uma vez, são perceptíveis as paredes-mestras ou de suporte pelas suas maiores dimensões e pela continuidade evidenciada ao longo dos pisos.



Fig.3.1.7 Exemplo 2 de um edifício do século XIX – planta do 1º piso
[Adaptado de CORREIA, A.]



Fig.3.1.8 Exemplo 2 de um edifício do século XIX – planta do 2º piso
[Adaptado de CORREIA, A.]

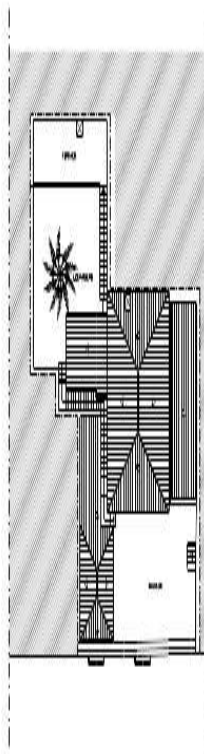


Fig.3.1.9 Exemplo 2 de um edifício do século XIX – planta da cobertura
[Adaptado de CORREIA, A.]

3.2. Alvenarias



Fig.3.2.1 Parede mestra em taipa rodízio

Fig.3.2.2 Esquema fundação directa corrente

As paredes-mestras (figura 3.2.1) dos edifícios podem ser em taipa simples ou taipa rodízio (figuras 3.2.3 e 3.2.4) e assentam directamente nas fundações em pedra (figura 3.2.2) as quais normalmente abrangem 1 metro de profundidade e são 15 a 20 cm mais largas do que a parede.

A taipa é uma técnica construtiva que consiste na prensa de terra, no caso da taipa simples, com o recurso de taipais, podendo ainda ser adicionado à terra outros elementos como palha, madeira ou pedra, denominada então, de taipa rodízio.



Fig.3.2.3
Alvenaria de taipa rodízio



Fig.3.2.4
Alvenaria de taipa assente em alvenaria de taipa rodízio

As alvenarias dos pisos superiores são de espessura inferior às dos pisos abaixo, para assim, permitir aliviar as cargas exercidas na base. (figuras 3.2.5 e 3.2.6).





Fig.3.2.5 Pormenor de uma parede em taipa

Fig.3.2.6 Corte construtivo – alvenaria de taipa rodízio
[Adaptado de CORREIA, A.]

3.3. Coberturas

As coberturas, apesar de poderem ter diferentes números de águas, têm como elemento comum a estrutura de madeira e a utilização da telha canudo de barro, bem como a forra interior em cana.

Existem vários tipos de coberturas no edificado de Tavira. As principais são as coberturas de quatro águas. Contudo vislumbram-se também coberturas planas, coberturas de uma e duas águas, assim como as trapeiras.

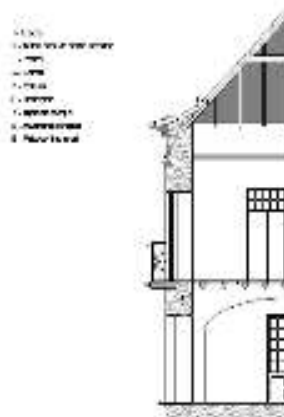
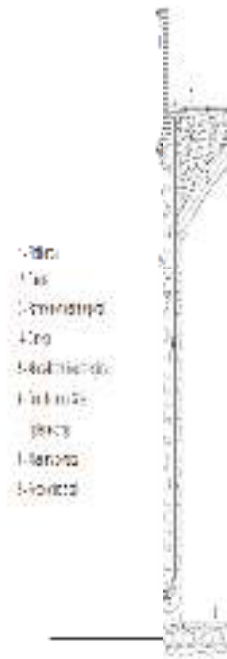


Fig.3.3.1 Piso duplo com telhado de quatro águas e beirado simples com caleira
[Adaptado de CORREIA, A.]

É comum existir um corte no telhado para a colocação de uma caleira que direcciona as águas pluviais para os tubos de queda (figura 3.3.1).

3.3.1. Coberturas planas

Fig.3.3.1.1 Corte construtivo – cobertura plana com arco de suporte



As coberturas planas são na sua maioria suportadas por arcos e abóbadas (figura 3.3.1.1 e 3.3.1.2). Este sistema estrutural permite a distribuição das forças para as paredes-mestras.

Os arcos são construídos em tijolo maciço regional (figura 3.3.1.3) que suportam um carregamento de regularização de modo a uniformizar a cobertura, permitindo dar as pendentes necessárias para encaminhar as águas pluviais até aos tubos de queda que podem estar embutidos na alvenaria ou trabalharem por fora da mesma.



Fig.3.3.1.2 Abóbada em tijolo regional



Fig.3.3.1.3 Arco em tijolo regional

3.3.2. Cobertura de 1 Água



Fig.3.3.2.1 Edifício de uma água

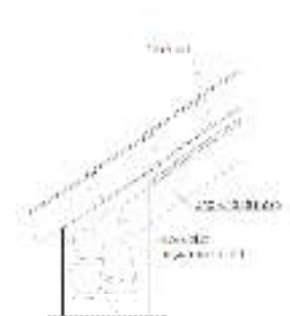


Fig.3.3.2.2 Pormenor de cobertura simples

Os telhados de uma água (figura 3.3.2.1 a 3.3.2.3) assentam nas paredes de suporte frontal e tardo dos edifícios e são suportados por madres que distam paralelamente entre si cerca de 50cm.

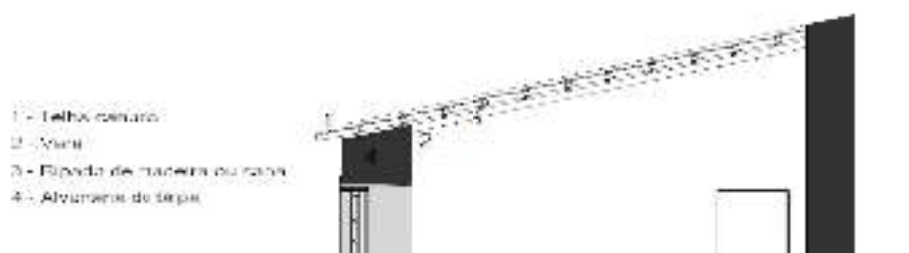


Fig.3.3.2.3 Telhado de uma água [Adaptado de CORREIA, A.]

3.3.3. Cobertura de 2 Águas

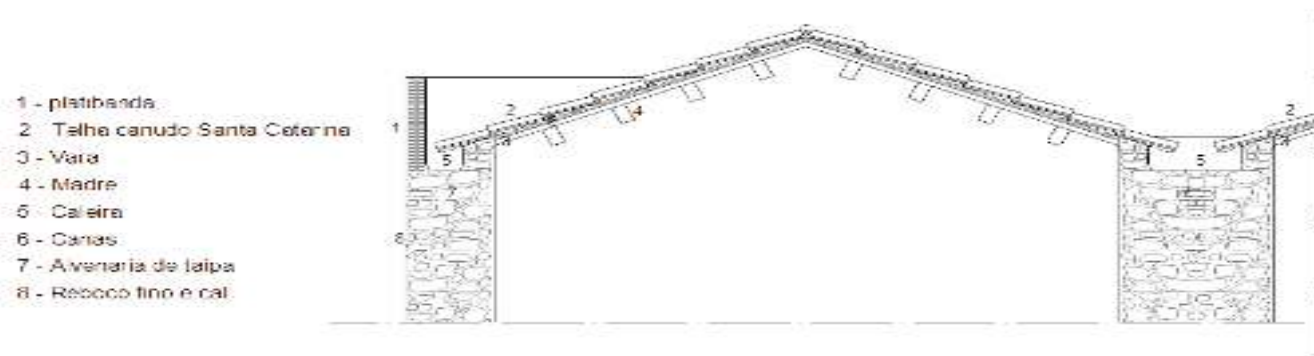


Fig.3.3.3.1 Telhado de duas águas e platibanda com caleira entre edifícios
 [Adaptado de CORREIA, A.]

Os telhados de duas águas (figura 3.3.3.1 a 3.3.3.3) podem ser o resultado de uma ampliação de um telhado de uma água ou uma construção feita de raiz. Em geral o telhado apoia em madres afastadas 0,50m entre si, que são suportadas por paredes-mestras perpendiculares às fachadas. As madres recebem as varas, onde as canas de suporte das telhas descarregam.



Fig.3.3.3.2 Telhado de duas águas



Fig.3.3.3.3 Telhado de duas águas

3.3.4. Cobertura de 4 águas (Telhados de tesoura)

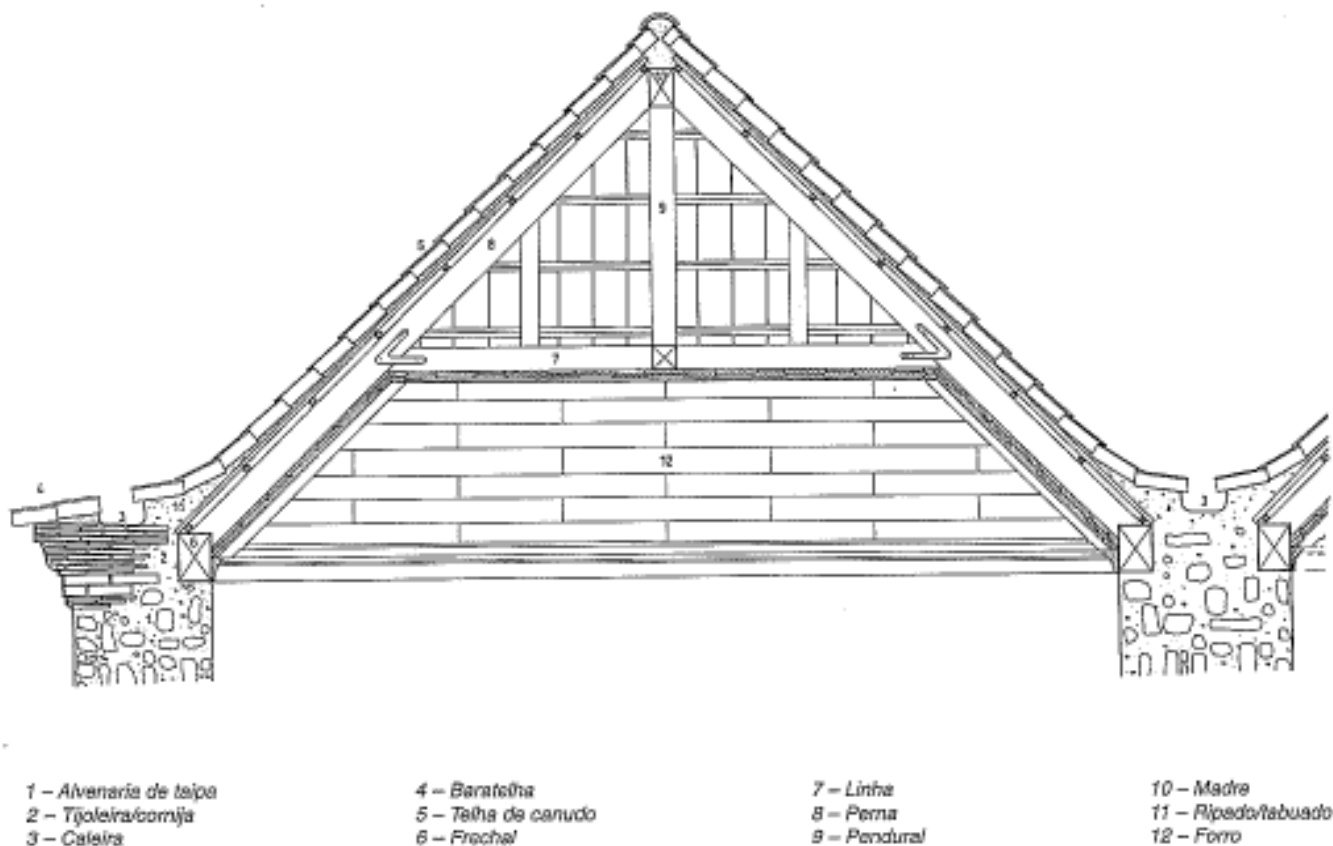


Fig.3.3.4.1 Telhado de quatro águas e beirado com caleira
[Retirado de: FIGUEIRAS, Rui, 1995]

Os telhados de quatro águas (figura 3.3.4.1) são a principal imagem de Tavira e um elemento característico da sua arquitectura. Adequados ao clima do Sul de Portugal, permitem a circulação de ar nas habitações, passando através das canas que suportam as telhas, o que pode ajudar a refrescar no Verão. Quando forrado, como ilustra a figura 3.3.4.1, formam uma caixa-de-ar que melhora o isolamento térmico. O nome tesoura julga-se ser inspirado na armação de madeira em que assentam, pela forma do ângulo de tesoura assente sobre as paredes-mestras de alvenaria. Os múltiplos telhados de tesoura são constituídos por pequenos telhados de quatro águas, juntos e alinhados ao longo da fachada, correspondendo cada telhado a uma divisão da habitação.

As figuras 3.3.4.2 a 3.3.4.6 ilustram vários aspectos dos telhados de tesoura. A primeira evidencia uma maquete que mostra um determinado tipo construtivo utilizado, já a seguinte mostra a estrutura recuperada de um telhado de tesoura. As figuras seguintes apresentam o modo como se organiza a estrutura de um telhado típico de quatro águas, o modo como se dispõem as telhas, uma vista interior e outra exterior.



Fig.3.3.4.2
Maqueta de telhado de tesoura



Fig.3.3.4.3
Estrutura de um telhado de tesoura

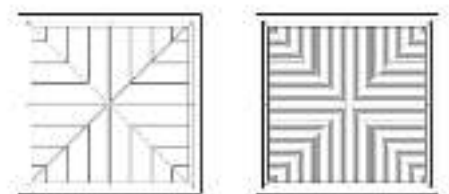


Fig.3.3.4.4 Planta de estrutura e de cobertura de um telhado de tesoura

Os telhados de tesoura são a cobertura de cada divisão de um edifício, daí quase ser possível identificar o número de divisões de uma casa pela visualização das suas coberturas.



Fig.3.3.4.5
Interior de um telhado de tesoura



Fig.3.3.4.6
Telhado de tesoura

3.3.5. Trapeira

Apresentam-se neste ponto elementos descritivo de trapeiras tipo da cidade de Tavira, constituídos por plantas, cortes e alçados que ilustram o método construtivo e apoiados por fotografias (fig. 3.7.1 a 3.7.6).

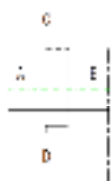


Fig.3.3.5.1 Esquema em planta de uma trapeira



Fig.3.3.5.2 Alçado de uma trapeira



Fig.3.3.5.3 Corte C:D



Fig.3.3.5.4 Corte A:B



Fig.3.3.5.5 Trapeira



Fig.3.3.5.6 Trapeiras

3.4. Pavimentos e revestimentos de piso



Fig.3.4.1 Ladrilho hexagonal em barro



Fig.3.4.2 Ladrilho de barro

Nos revestimentos de pavimentos térreos são utilizados, o ladrilho de barro e a pedra (figura 3.4.1 a 3.4.4). Os pavimentos em ladrilho assumem vários padrões rematados por uma faixa de ladrilho paralela à parede em torno da divisão.



Fig.3.4.3 Rosácea em ladrilho de barro
esquadria



Fig.3.4.4 Ladrilho de barro colocado à meia-

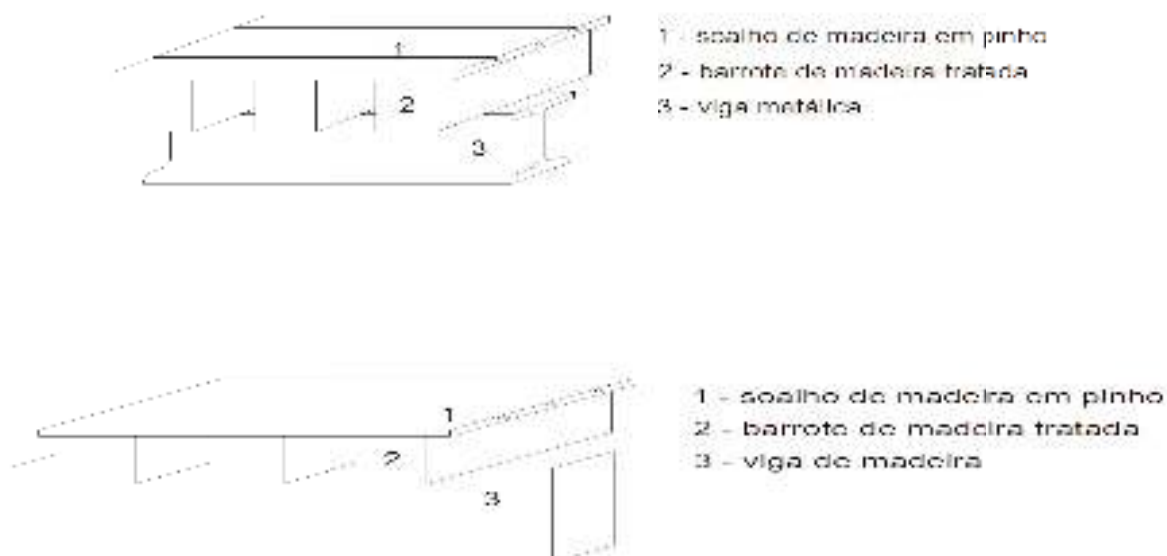


Fig.3.4.5 Pavimento de vão múltiplo com viga metálica e de madeira

Nos pisos elevados, os pavimentos de madeira são a solução mais comum, permitindo a execução de um segundo piso de forma mais fácil e mais económica do que a criação de arcos ou abóbadas. A estrutura dos pavimentos de madeira organiza-se de forma muito simples. O soalho de madeira apoia-se em barrotes de pinho tratado, afastados entre si de 0,20 m a 0,40 m (fig. 3.4.5), por sua vez suportados por vigas de madeira ou metálicas que assentam nas paredes-mestras.

O perfil metálico começou a utilizar-se a partir do século XIX, em alternativa à madeira, por ser mais resistente às cargas, mas também à deterioração natural a que está sujeita a madeira.

4. Elementos de fachada

4.1. Caracterização geral dos alçados



Fig. 4.1.1 Exemplo de um edifício de dois pisos com telhado de duas e quatro águas e vãos característicos da 1ª metade do século XIX
[Adaptado de CORREIA, A.]

As figuras 4.1.1 a 4.1.9 representam alçados típicos na cidade de Tavira entre o fim do século XIX e a 1ª metade do século XX. O método seguido para a datação das fachadas indicada nessas figuras é o utilizado pelo Manual de Reabilitação do Património da Cidade de Faro [FIGUEIRAS, Rui, 1995], que toma em consideração a forma e o tipo de guarnição dos vãos.

Como elementos comuns na construção deste período em Tavira destacam-se vãos cuja forma rectangular tem sempre a maior dimensão na vertical e que são dispostos segundo um ritmo vertical regular. Consoante o século a que corresponde cada vão, assim é a forma das molduras ou guarnições bem como o material, que pode ser em pedra ou em massa pintada a pigmento de cal.



Fig.4.1.2 Exemplo de um edifício de dois pisos com telhado de duas e quatro águas e vãos característicos da 1ª metade do século XX
[Adaptado de CORREIA, A.]



Fig.4.1.3 Exemplo de um edifício de um piso com cornija, platibanda, telhado de quatro águas e vãos característicos da 2ª metade do século XIX
[Adaptado de CORREIA, A.]



Fig.4.1.4 Exemplo de um edifício de dois pisos com cornija, telhado de quatro águas e vãos característicos do século XIX
[Adaptado de CORREIA, A.]

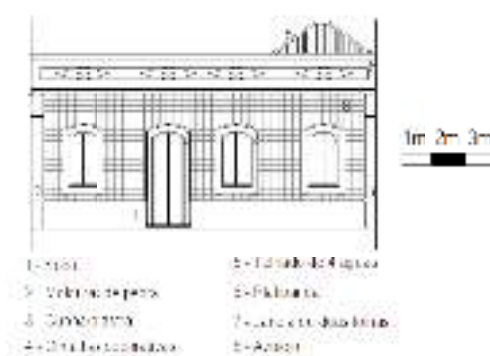


Fig.4.1.5 Exemplo de um edifício com platibanda, telhado de quatro águas, forrado a azulejo e vãos característicos da 2ª metade do século XIX.
[Adaptado de CORREIA, A.]



Fig.4.1.6 Exemplo de um conjunto de edifícios de dois pisos com platibanda, telhado de quatro águas e vãos característicos do século XIX
[Adaptado de CORREIA, A.]



Fig.4.1.7 Exemplo de um conjunto de edifícios de dois pisos com cornija, platibanda, telhado de quatro águas e vãos característicos do século XIX
[Adaptado de CORREIA, A.]

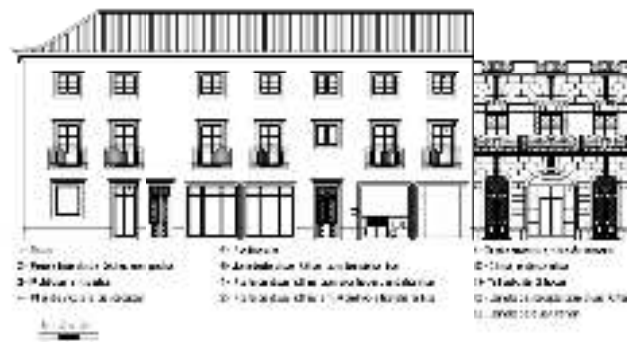


Fig.4.1.8 Exemplo de um conjunto de edifícios de dois e três pisos com cornija, platibanda, telhado de quatro águas e vãos característicos dos séculos XIX e 1ª metade do século XX.
[Adaptado de CORREIA, A.]



Fig.4.1.9 Exemplo de um edifício de dois pisos com cornija, platibanda de ferro forjado, telhado de quatro águas e vãos característicos do século XIX
[Adaptado de CORREIA, A.]

4.2. Beirados e platibandas

Geralmente o remate de fachada faz-se pela utilização de uma cimalha decorativa, construída com ladrilhos cerâmicos e com acabamento em massa pintada na cor cinza ou branca ou por um beirado.

Os beirados assumem várias formas: beirados simples ou duplos (figuras 4.2.1 a 4.2.3) e beirados com ou sem caleira.

Os beirados proporcionam um modo simples de escoar as águas da chuva. Já no caso das platibandas, estas podem esconder caleiras ou funcionarem como guarda de coberturas planas.



Fig.4.2.1 Pormenor de beirados simples com cimalhas





Fig.4.2.2 Beirado com cimalha

Fig.4.2.3 Beirado simples

4.2.1. Beirados simples

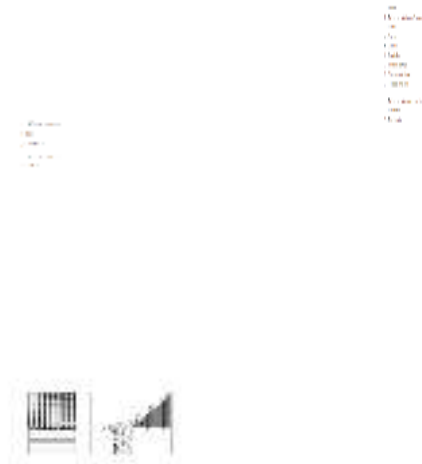


Fig.4.2.1.1 Pormenor de um beirado simples com caleira



Fig.4.2.1.2 Beirado simples com caleira

Os beirados simples dos edificios podem conter uma caleira para escoar as águas (figura 4.2.1.1 e 4.2.1.2) ou estas podem correr livremente para a rua (figura 4.2.1.3 e 4.2.1.4). Em geral são rematados por uma cimalha em tijoleira e massa.



Fig.4.2.1.3 Pormenor de um beirado simples



Fig.4.2.1.4 Beirado simples

4.2.2. Beirados duplos

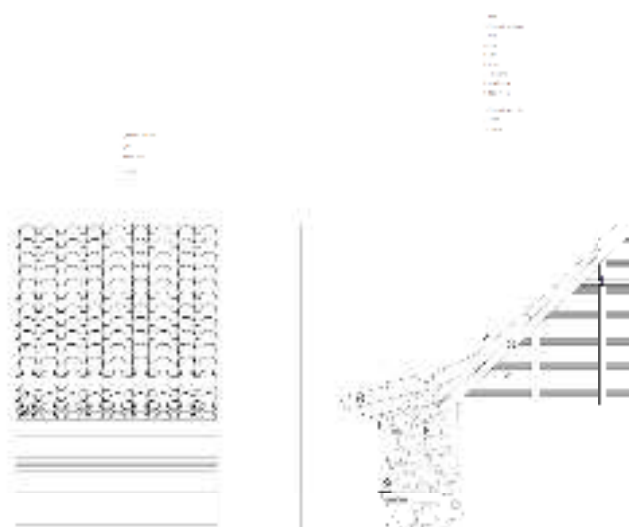


Fig.4.2.2.1 Duplo beirado com caleira

Os beirados duplos (figuras 4.2.2.1 e 4.2.2.2), tal como os beirados simples, podem conter uma caleira ou deixar a água correr livremente para a rua. Os beirados duplos servem apenas de decoração e podem ser rematados por uma cimalha em tijoleira e massa.



Fig.4.2.2.2 Duplo beirado no edificado de Tavira

4.2.3. Platibandas

As platibandas (figura 4.2.3.1) dos edificios são erguidas em tijolo maciço regional e rematadas no topo em ladrilhos cerâmicos que lhe conferem a saliência no acabamento.

São também ornamentadas com trabalhos decorativos em massa geométricos ou vegetalistas.



Fig.4.2.3.1 pormenor de uma platibanda



Fig.4.2.3.2 Platibanda

A transição entre a fachada e a platibanda pode ser feita pela cimalha simples, com ou sem beirado. Este pode ser simples ou duplo (figura 4.2.3.2 a 4.2.3.4).

As platibandas escondem um pátio ou uma cobertura inclinada.



Fig.4.2.3.3 Platibanda com trabalho em massa



Fig.4.2.3.4 Beirado com platibanda



Fig.4.2.3.5 Tijolo maciço visível numa platibanda



Fig.4.2.3.6 Pormenor Decorativo em massa

As platibandas (figuras 4.2.3.5 e 4.2.3.6), mais do que um elemento de ornamentação, servem como remate e guarda das coberturas, ocultando caleiras e algerozes. Geralmente assentam em cimalkhas ou beirados (Figura 4.2.3.7).

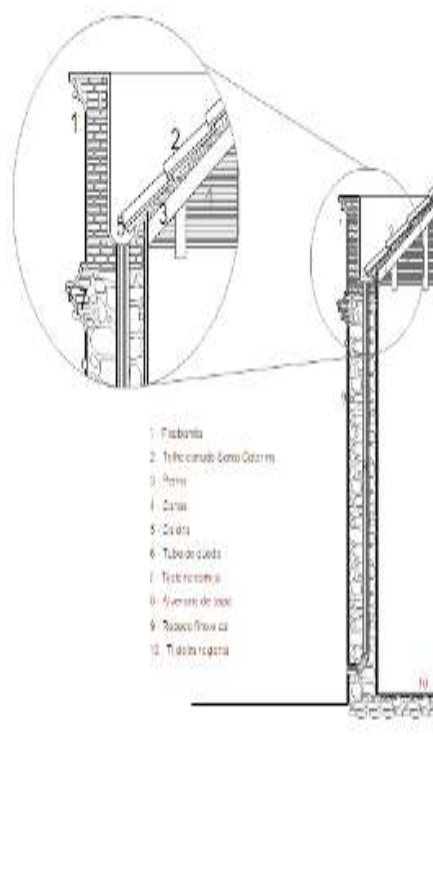


Fig.4.2.3.7 Corte construtivo – telhado simples com platibanda e tubo de queda embutido.

4.2.4. Cimalha com pisa-pardais



Fig.4.2.4.1 Cimalhas com pisa-pardais

As cimalhas podem ser simples ou rematadas com a última fiada de telha da cobertura.

Nos beirados em edifícios com fachadas perpendiculares ou em zonas em que se torne saliente, as cimalhas são rematadas com penas de ferro rendilhado também denominado de pisa-pardais (figura 4.2.4.1 e 4.2.4.2).



Fig.4.2.4.2 Cimalhas com pisa-pardais

4.3. Águas pluviais



Fig.4.3.1
Goteira em barro



Fig.4.3.2
Gárgula em pedra



Fig.4.3.3
Goteira em pedra com ponta em ferro



Fig.4.3.4
Goteira em grés

As goteiras (figura 4.3.1) bem como as gárgulas (figura 4.3.2) são elementos que se encontram em diversas fachadas e são alvo de um tratamento cuidado. Geralmente são encastradas nas platibandas (figura 4.3.3) ou nas cimalkhas (figura 4.3.4) dos edifícios. Nos tubos de queda podem ser embutidos nas alvenarias (figura 4.3.5) ou simplesmente trabalhar por fora da fachada (figura 4.3.6), podendo ser em pedra, grés, ferro forjado ou em barro.



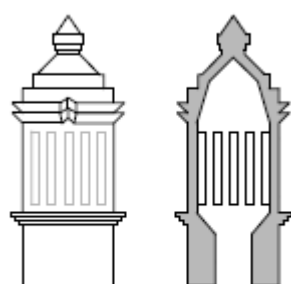
Fig.4.3.5 Tubo de queda embutido, em grés



Fig.4.3.6 Tubo de queda na fachada, em grés

4.4. Chaminés

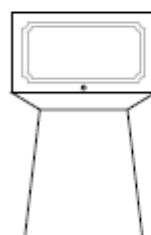
Elementos muito significativos e providos de grande presença, as raras chaminés que ainda subsistem na malha urbana da cidade em Tavira, quer pelo seu desenho quer pela dimensão, são actualmente um dos elementos de fachada a preservar e restaurar. De secção cilíndrica ou paralelepípedicas, são construídas artesanalmente, com ladrilhos, telhas e tijolo maciço regional.



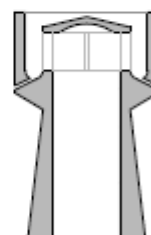
Alçado

Corte

Chaminé cilíndrica

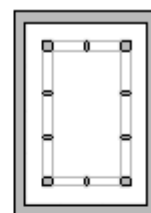


Alçado



Corte

Chaminé paralelepípedica



Planta



Outras tipologias de chaminés

Fig.4.4.1 Esquemas de chaminés típicas de Tavira

Para além das chaminés paralelepípedicas ou de secção cilíndricas existem outras formas. As figuras 4.4.1 e 4.4.2 mostram alguns desses exemplos (recurso a esquemas e fotografias).



Fig.4.4.2 Fotografias de chaminés típicas de Tavira

4.5. Vãos



Fig.4.5.1 Proporções dos vãos

Os vãos são dispostos, regra geral, segundo um ritmo regular vertical (figura 4.5.1), sendo a superfície dos panos opacos maiores do que as dos panos transparentes (figura 4.5.2). O vão é sempre feito na vertical, assumindo a forma rectangular, por vezes com a parte superior circular, guarnecido com molduras, que ao longo do tempo se fixaram em tipos próprios a cada época. Geralmente, estas guarnições têm a largura de 20 a 30 cm em pedra da região ou em massa pintada a pigmento de cal.

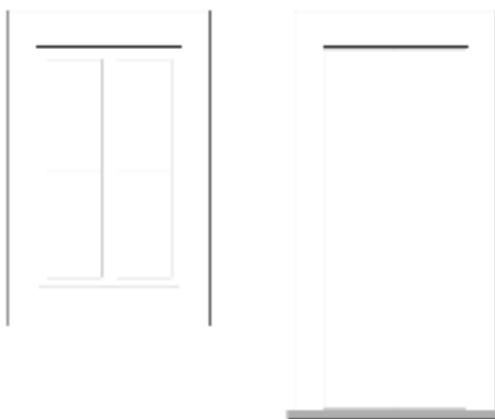


Fig.4.5.2 Proporções típicas dos Vãos

Nos pontos seguintes são apresentados e agrupados por tipos diferentes, os vãos que se encontram na zona estudada de Tavira. Alguns dos exemplos ilustrados foram adaptados de CORREIA, A., pelo autor.

Para os vários casos, são organizadas figuras com os vãos correspondentes a a cada data. Para a sua datação, foi utilizado o mesmo método já atrás referido a propósito dos alçados (ver ponto 4.1). Algumas portas correspondem a um período anterior ao tratado neste capítulo, mas entendeu-se que seria interessante apresentar também essas portas como forma de comparação.

4.5.1. Portas de Reixa



Construídas em ripas de madeira as portadas de reixa (figuras 4.5.1.1 a 4.5.1.3) têm a função de permitir o arejamento das divisões mesmo com as janelas e postigos das portas fechados.

São também usadas em janelas e portas.



Fig.4.5.1.1 Porta de reixa

Fig.4.5.1.2 Pormenor da reixa





Fig.4.5.1.3 Vãos em reixa na cidade de Tavira

4.5.2. Outras portas tradicionais

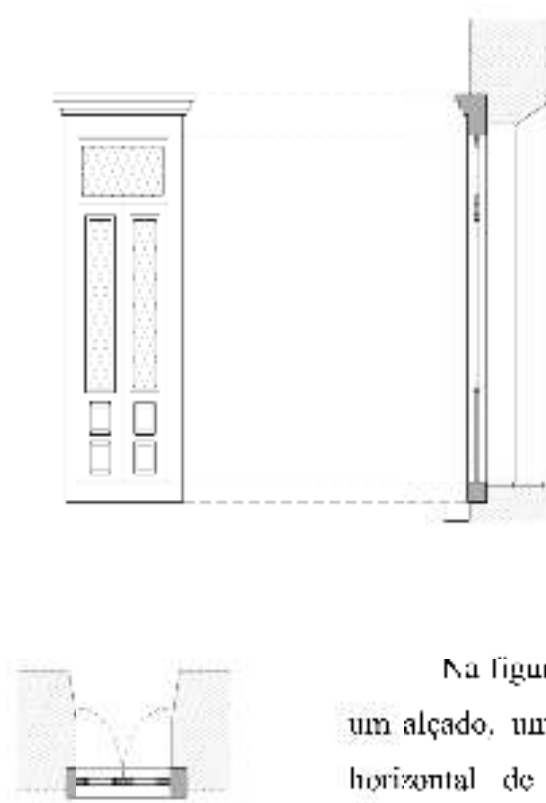


Fig.4.5.2.1 Pormenor de uma porta

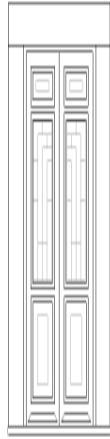
Na figura 4.5.2.1 apresentam-se um alçado, um corte vertical e outro horizontal de uma porta típica de Tavira. Pode observar-se a presença de postigos e de uma bandeira, que permitem ventilar e iluminar. Outras soluções surgem também na cidade, tal como se ilustra na figura 4.5.2.2.

Na figura 4.5.2.3, sistematizam-se tipos de portas correspondentes a diferentes épocas, datados, consoante já se referiu, a partir da forma das guarnições. As portas desenhadas são portas reais existentes no local.

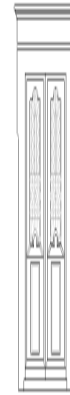
Os elementos principais das portas representadas são, com grande probabilidade das épocas mencionadas,



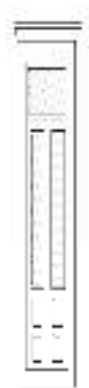
Fig.4.5.2.2 Vãos tradicionais na cidade de Tavira



Século XVI ao
Século XVIII



Século XVII



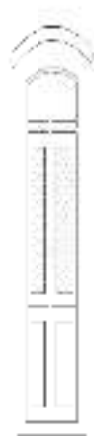
Século XVIII



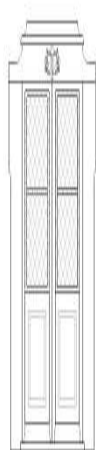
2ª Metade do Século
XVIII



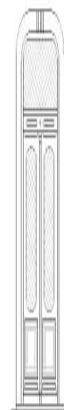
2ª Metade do Século XVIII



2ª Metade do Século XVIII



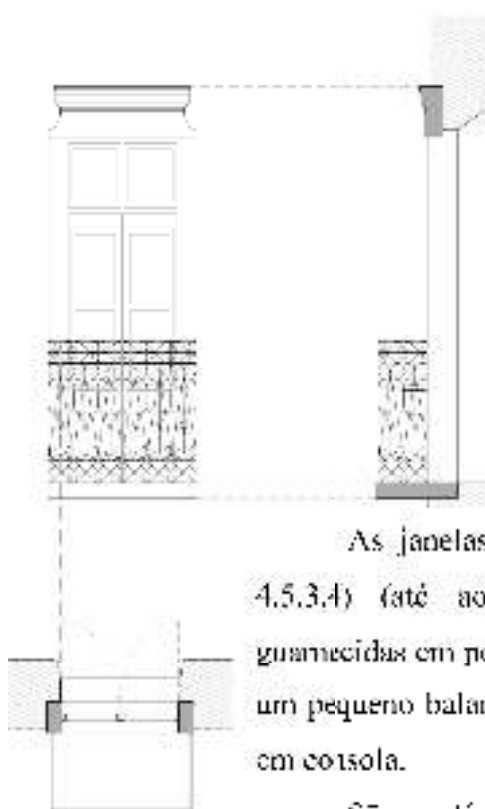
1ª Metade do Século XIX



1ª Metade do Século XX

Fig.4.5.2.3 Esquemas de portas tradicionais de Tavira de diferentes épocas.
[Adaptado de CORREIA, A.]

4.5.3. Janelas de sacada com gradeamento



As janelas de sacada (figuras 4.5.3.1 a 4.5.3.4) (até ao nível do pavimento) são guarnecidas em pedra ou em massa pintada, com um pequeno balanço de pedra, com 25 a 30 cm em consola.

Fig.4.5.3.1 Pormenor de uma janela de Sacada

São notáveis pelos gradeamentos em ferro forjado, ferro fundido ou ainda em betão pré-moldado.



Fig.4.5.3.2 Sacadas e guarnições em cimento pré-moldado



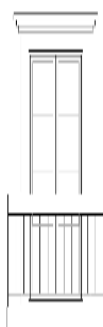
Fig.4.5.3.3 Sacadas em pedra com guarnição em ferro fundido e forjada



Século XVII e XVIII



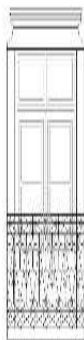
Século XVII e Século XVIII



Século XVIII



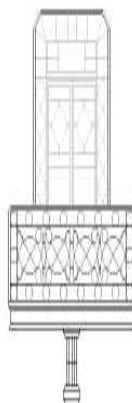
2ª Metade do Século XVIII



1ª Metade do Século XIX



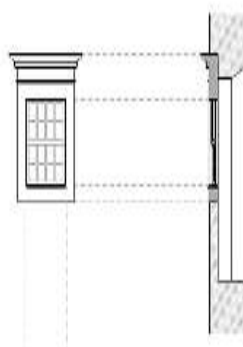
1ª Metade do Século XIX



1ª Metade do Século XX

Fig.4.5.3.4 Esquemas de janelas de sacada de Tavira de diferentes épocas.
[Adaptado de CORREIA, A.]

4.5.4. Janelas tradicionais de peito



As janelas de peito (figuras 4.5.4.1 a 4.5.4.3) são guarnecidas igualmente em pedra ou em massa pintada.

Organizados segundo um ritmo regular, os vãos dispõem-se sempre na vertical assumindo formas rectangulares.

Fig.4.5.4.1 Pormenor de uma janela de peito





Fig.4.5.4.2 Vãos tradicionais na cidade de Tavira



Século XVI ao século XVIII



Século XVII e XVIII



Século XVIII



2ª Metade do Século XVIII



2ª Metade do Século XVIII



1ª Metade do Século XIX

Fig.4.5.4.3 Esquemas de janelas de peito de Tavira de diferentes épocas
[Adaptado de CORREIA, A.]

4.5.5. Óculos

Forma de ventilar e iluminar pequenos espaços, os óculos (figura 4.5.5.1) situam-se sempre no eixo de simetria de outros vãos das fachadas, podendo conter um pequeno gradeamento em ferro e ter ou não vidro.

As guarnições dos óculos são em pedra ou em massa com decoração de maior ou menor ornamento consoante a época e o tipo de edificado.



Fig.4.5.5.1 Óculos na cidade de Tavira

4.6. Guardas

4.6.1. Guardas em ferro forjado e ferro fundido



Fig.4.6.1.1 Guarda em ferro forjado

As guardas em ferro forjado (figura 4.6.1.1) para além da parte funcional são um elemento decorativo das habitações. Mais recentemente, com o aperfeiçoamento da técnica de fundição, as guardas de ferro fundido (figura 4.6.1.2) proliferaram por toda a cidade, sendo possível hoje em dia encontrar com alguma facilidade muitos exemplos tanto de ferro fundido como de ferro forjado.

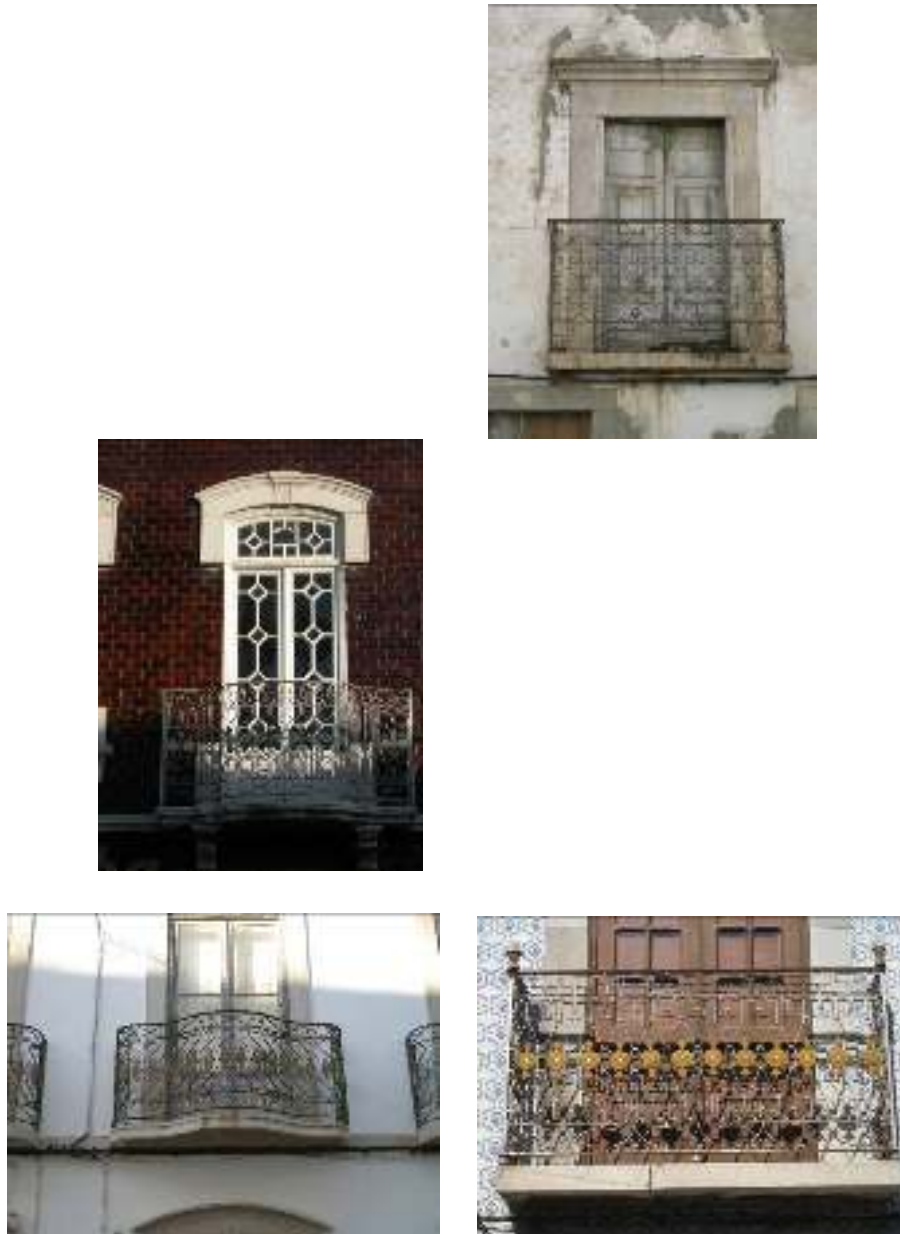


Fig.4.6.1.2 Guarda em ferro fundido

4.6.2. Guardas em betão pré-moldado

Construídas sobretudo em edifícios de influência Art Déco no segundo quartel do século XX, estas estruturas em betão armado pré-moldado (figura 4.6.2.1) surgem com a “necessidade” da utilização de novos materiais e novas soluções na construção. Para lá da parte funcional, a vertente artística resulta num trabalho de rara beleza e com uma pormenorização admirável.

Existem relatos de que a utilização destas estruturas se ficou a dever à escassez de ferro e à falta de poder económico surgido durante a Primeira Guerra Mundial.



Fig.4.6.2.1 Guardas em betão pré-moldado

4.7. Cachorros

Os cachorros surgem como elemento de suporte das sacadas suspensas de maior dimensão. Geralmente são em pedra trabalhada de elevado valor estético. Como se pode ver na figura 4.7.1 existem cachorros de diferentes dimensões e integrados em paredes de cantaria e de alvenaria.

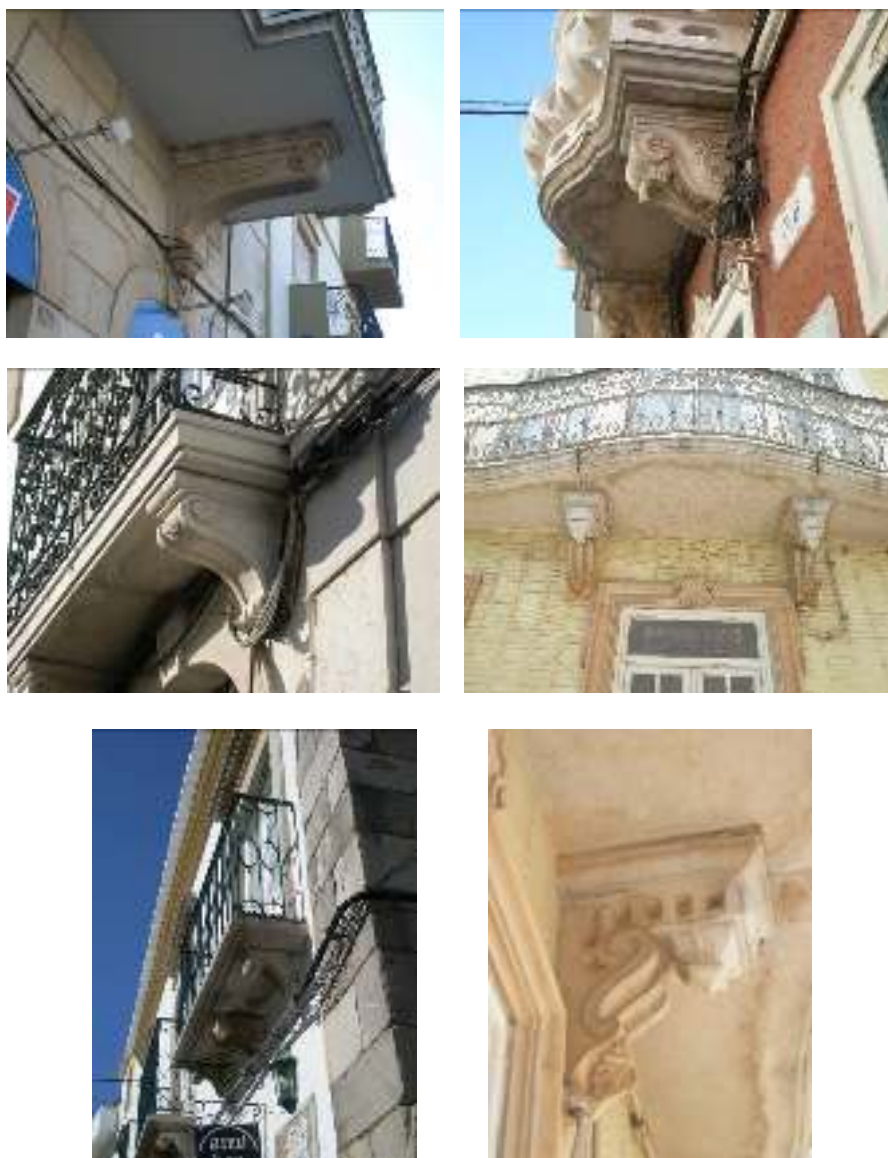


Fig.4.7.1 Cachorros em pedra

4.8. Puxadores

Em ferro, fundido ou forjado, em latão ou em outros materiais (figuras 4.8.1 a 4.8.3), os puxadores de Tavira, que na maioria das vezes passam despercebidos aos transeuntes, denotam uma habilidade e beleza ímpar, capazes, por si só, de conferir identidade a um edifício.

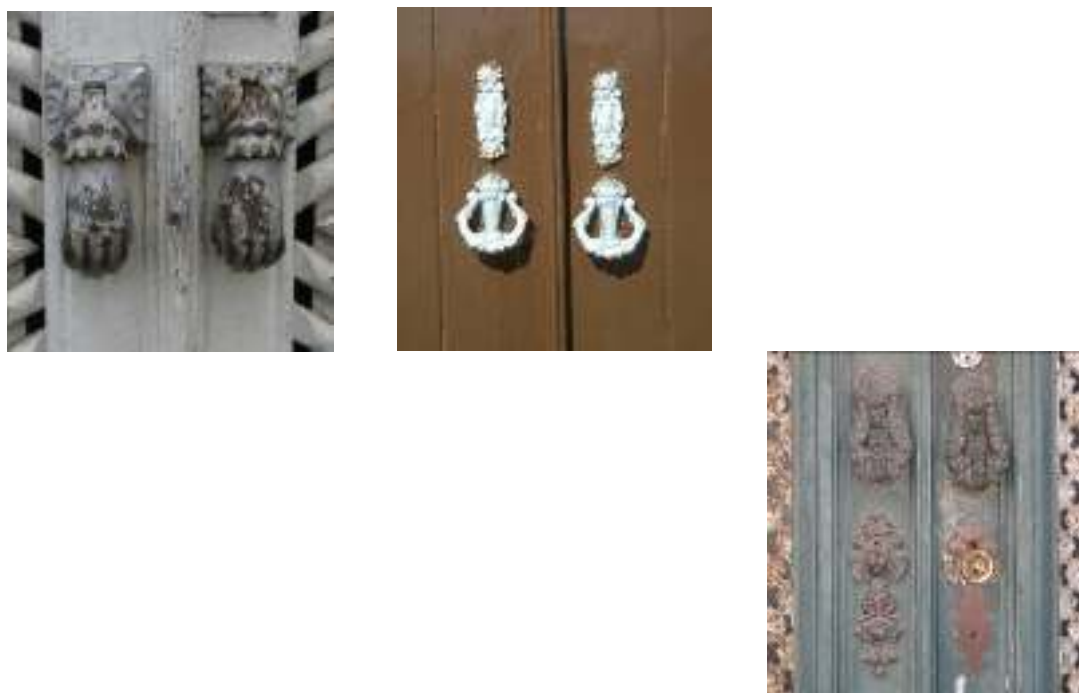


Fig.4.8.1 Puxador em ferro forjado

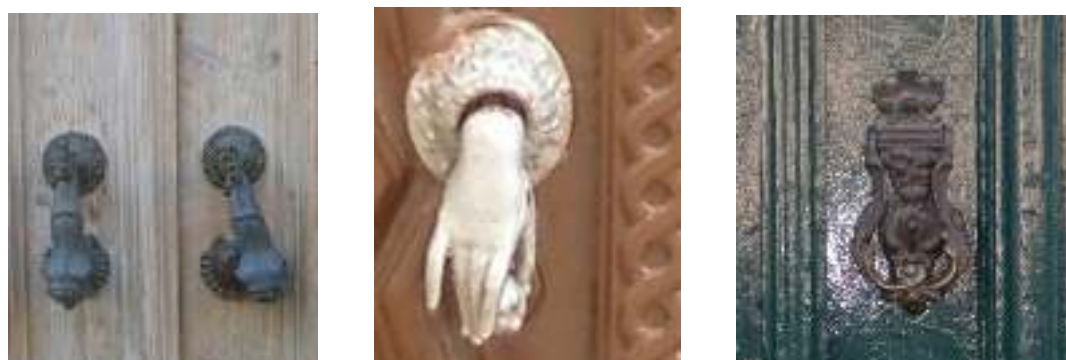


Fig.4.8.2 Puxador em ferro fundido



Fig.4.8.3 Puxador em latão

4.9. Grades de postigo

Tal como os puxadores, as grades de postigo podem ser em ferro fundido ou forjado e possuem a mesma capacidade de distinção e caracterização de edifícios. Pela sua maior dimensão e posição no conjunto de fachada destacam-se dos demais elementos.

Na figura 4.9.1 podemos ver alguns exemplos de grades de postigo em ferro e latão existentes na cidade de Tavira

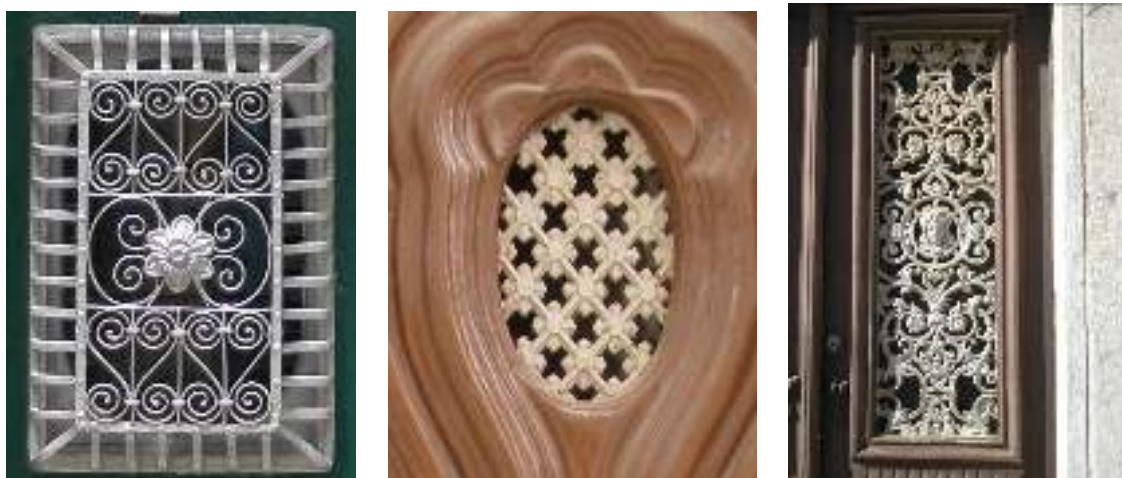




Fig.4.9.1 Grade em ferro e latão

4.10. Azulejos

Introduzidos nas fachadas dos edifícios pela necessidade de responder a patologias de salubridade existentes nas habitações, os azulejos rapidamente se assumiram como uma realidade nem sempre bem conseguida na malha urbana da cidade, com maior intensidade a partir do século XIX até à 1ª metade do século XX.

A utilização desta solução tomou proporções nada elegantes, das quais poucas são as aplicações com algum valor estético, descaracterizando deste modo a interacção com as fachadas brancas da cidade.

A figura 4.10.1 mostra alguns exemplos de azulejos aplicados nas fachadas da cidade de Tavira do século XIX até à 1ª metade do século XX.



Fig.4.10.1 Azulejos do século XIX até à 1ª metade do século XX

4.11. Cor

Para além do branco cal, resultante da junção de cal apagada e água, como cor predominante na cidade, existem outras cores provenientes de pigmentos naturais, com aplicação de grande valor a nível histórico e estético, como são os casos do óxido de ferro amarelo, do verde metálico, do azul gaivota e do óxido de ferro vermelho, ou sangue de boi.

Apesar de ser o branco a cor predominante e preponderante, é ainda possível vislumbrar na cidade todas as outras cores acima referidas conforme podemos constatar nas figuras 4.11.1 a 4.11.5.



Fig.4.11.1 Óxido de ferro “sangue de boi”



Fig.4.11.2 Branco cal



Fig.4.11.3 Oxido de ferro amarelo e branco cal



Fig.4.11.4 Verde metálico



Fig.4.11.5 Oxido de ferro amarelo

5. Conclusões e considerações finais

O principal resultado do trabalho realizado não são conclusões, no sentido usual do termo, mas antes uma apresentação organizada de informação de caracterização do edificado da cidade de Tavira. Trata-se de informação que se crê útil para projectos de reabilitação e seguramente também uma forma de valorização do património.

Ao longo do trabalho houve a preocupação, numa primeira fase, denominada “Enquadramento histórico da arquitectura em Tavira” de retratar com maior rigor todas as épocas em estudo desde a fundação de Tavira até à 1ª metade do século XX, bem como as suas raízes.

Herdeira de antigas civilizações, é ainda possível hoje em dia, enquadrar na história da cidade os mais variados povos, como os fenícios e os romanos, mas acima de tudo a presença muçulmana, aquela que mais marcou a cidade e aquela que um maior legado deixou a Tavira.

Todo o espólio arquitectónico deixado ao longo de séculos de imponência revela-se importante, quer por se encontrar em excelentes condições de preservação, quer pela sua variedade cultural.

Para além das coberturas de quatro águas, houve o intuito de caracterizar e pormenorizar diferentes soluções construtivas, para assim se perceber e registar as principais características do edificado de Tavira no período em estudo.

Houve assim possibilidade de associar outras características do edificado, às tecnologias da construção, como é o caso da compartimentação em espaços pequenos pela dificuldade de vencer vãos grandes, aberturas de reduzida largura pela mesma razão, coberturas de quatro águas para aproveitar o apoio nos quatro lados entre outras.

Não menos importante, é o registo dos elementos de fachada do edificado de Tavira, que, com características muito próprias, merecem um olhar mais atento e à descoberta de inúmeros elementos decorativos que na maior parte das vezes passam despercebidos ao transeunte comum, mas que exibem uma riqueza de pormenor que o trabalho realça.

Todo o esforço de pesquisa e caracterização é fortemente suportado por um levantamento fotográfico, para assim melhor se compreender e reconhecer os elementos a que se refere o autor.

Tal permitiu evidenciar a diversidade – caso da maior parte dos elementos tratados –, mas também apontar similitudes, como se fez a propósito dos vãos na caracterização geral dos alçados.

Os elementos retratados ao longo do trabalho, no seu conjunto, dão uma autenticidade única à cidade.

6. Referências

6.1. Referências gerais

AMARAL, Francisco Keil do *et al.* – **Arquitectura Popular em Portugal**. 3ª Edição, Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004.

APPLETON, João Guilherme Pontes – **Reabilitação de Edifícios Antigos: Patologias e Tecnologias de intervenção**. 1ª Edição, Amadora: Edições Orion, 2003.
ISBN: 972-8620-03-9

APPLETON, João Guilherme Pontes – **Reabilitação de Edifícios “Gaioleiros”: Um Quarteirão em Lisboa**. 1ª Edição, Amadora: Edições Orion, 2005.
ISBN: 972-8620-05-5

BIERMANN, Verónica *et al.* – **Teoria da Arquitectura: Do Renascimento aos Nossos Dias**. Köln: Taschen, 2003.
ISBN: 3-8228-2693-6

CABRITA, A. R.; AGUIAR, J.; APPLETON, J. – **Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto. Lisboa**: Câmara Municipal de Lisboa e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1992.
ISBN972-95834-0-4.

CHING, Francis D. K. – **Arquitectura: Forma, Espaço e Ordem**. 1ª Edição, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Lda., 1998.
ISBN: 85-336-0874-8

CORREIA, José Eduardo Horta – **Arquitectura Portuguesa: Renascimento, Maneirismo e estilo Chão**. 2ª Edição, Lisboa: Editorial Presença, 2002.
ISBN: 972-23-1442-4

CORREIA, M. dos Santos – **Manual do Construtor Civil**. 9ª Edição, Rei dos Livros.

FELLGIEBEL, Barbone *et al.* – **Tavira, a essência do Algarve**. 1ª Edição: Tavira, Gráfica Bormac, 2008.

FIGUEIRAS, Rui – **Manual de reabilitação do Património da Cidade de Faro**. 3000 Exemplares, Faro: Câmara Municipal de Faro, 1995.

FIGUEIRAS, Rui – **Vila Pombalina: Vila Real de Santo António**. 1ª Edição, Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 1999.

GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. 5ª Edição, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

GLANCEY, Jonathan – **Guias Essenciais: Arquitectura**. 1ª Edição, Porto: civilização, editores, Lda., 2006.
ISBN: 989-550-420-9

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – **Morfologia Urbana e desenho da Cidade**. 3ª Edição, Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004.
ISBN: 972-31-0903-4

MARQUES, Maria da Graça Maia – **O Algarve da Antiguidade aos nossos dias: Elementos para a sua história**. Lisboa: Edições Colibri, 1999.
Deposito Legal N.º 131 543/99

MARQUES, Maria de Graça Maia; VENTURA, Maria de Graça Mateus – **Foral de Vila Nova de Portimão: 1504**. 1ª Edição, Portimão: Câmara Municipal de Portimão, 1990.
Deposito Legal N.º 33673/90

NEUFERT, Ernst – Neufert: **Arte de Projectar em Arquitectura**. 14ª Edição, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 2000.
ISBN: 84-252-1691-5

PEREIRA, Alexandra; POUPA, Carlos – **Como Escrever uma Tese, monografia ou livro científico usando o Word**. 3ª Edição, Lisboa: Edições Sílabo, 2006.
ISBN: 972-618-350-2

PINHO, Fernando F. S. – **Paredes de edifícios antigos em Portugal: conservação e Reabilitação**. Lisboa: LNEC, 2000.
ISBN: 972-49-1864-5

PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas – **Cadernos de História da Arte – 7**. Porto: Porto Editora, 1997.
ISBN: 972-0-42467-2

RAPOSO, Isabel *et al.* – **Guia da Reabilitação e Construção. Cidade de Loulé**: 1 000 exemplares, Loulé: Câmara Municipal de Loulé/Faculdade de Arquitectura/Universidade Técnica de Lisboa, 2007.
ISBN: 978-972-9064-25-5 e 978-

6.2. Referências específicas

ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu Termo: Memorando Histórico**. Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1993.

ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o Seu Termo: Memorando Histórico**, Vol. II, Câmara Municipal de Tavira. 2001.

CHAGAS, Ofir – **Tavira. Memórias de uma Cidade**. s.l., edição do Autor, 2004.

CORREIA, José E. Horta – **André Pilarte no Centro de uma escola Regional de Arquitectura Quinhentista**. Coimbra, Editorial Presença, 1987.

DUARTE, Carlos; LAMAS, José – **Guia do Construtor no Centro Histórico de Tavira**. Tavira, Câmara Municipal de Tavira.

FERNANDES, Carla Varela – **A Igreja de Santa Maria do Castelo**. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

Deposito Legal N.º: 159432/00

GOLD, Volker; HAMMOND-NORDEN, Henning – **Tavira: Velha cidade à beira-mar**. 1ª Edição, Landsberg: Edition Luso Licca, 2008.

ISBN: 3-00-003886-8

HORTA, Dina – **Recuperação da zona industrial compreendida entre a Fabrica Balsense e a Fabrica Tavipesca**. Faro: Universidade do Algarve, 2006

Trabalho final de curso

LAMEIRA, Francisco I. C. – **A Igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1998.

972-97354-8-6

Depósito Legal N.º: 253418/07

SANTANA, Daniel *et al.* – **Roteiro do Património Arquitectónico Militar de Tavira**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2005.

ISBN: 972-8705-09-3

SANTANA, Daniel; SARES, Bruno; GAGO, Ana – **Mercado da Ribeira – Recuperação/reabilitação do antigo mercado municipal de Tavira**. 2000

Exemplares: Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2006.

ISBN: 8705-02-6

TUSCANO, Carlos *et al.* – **Tavira Vila Antiga: Cidade Renovada**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2007.

ISBN: 972-8705-07-07

TUSCANO, Carlos; SARES, Bruno; GAGO, Ana Massena – **Mercado de Tavira: Remodelação do Mercado da Ribeira**. Tavira, Câmara Municipal de Tavira.

ISBN: 8705-02-6

VAZ, Adérito Fernando – **Uma Visão de Tavira Islâmica.** Tavira, Tipografia Tavirense, Lda., 2001
ISBN: 972-95621-1-3

6.3. Recursos na Internet

ArqueoTavira.com – Campo Arqueológico de Tavira, Algarve, Portugal – Mapa da cidade de Tavira (Algarve, Portugal) José de Sande Vasconcelos – Finais do séc. XVIII.

<http://www.arkeotavira.com/Mapas/Sande/Mapa-Sande.htm>

<http://arkeotavira.com/balsa/tavira/>

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Inventario do Património Arquitectónico

www.monumentos.pt

IPPAR – Muralhas do Castelo de Tavira

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=70656

http://www.ippar.pt/pls/dippar/ippar_home

Ponte Antiga sobre o Rio Gilão

http://www.lifecooler.pt/edicoes/lifecooler/ch_desenvReg.asp?reg=393753

SILVA, Luís Fraga da - Textos menores ou inacabados sobre Geografia Histórica do Algarve e do Sul de Portugal

<http://imprompto.blogspot.com/>

Tavira, a bela.

<http://www.algarvedigital.pt/algarve/parameters/algarvedigital/files/File/RoteirosPDF/Tavira%20a%20bela%20roteiro.pdf>

Tavira – História

http://www.portugalvirtual.pt/_tourism/algarve/tavira/pthistory.html

Tavira vive cultura – História

<http://www.cm-tavira.pt/cmt/index.php?>

[module=ContentExpress&func=display&ceid=34&meid=61](http://www.cm-tavira.pt/cmt/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=34&meid=61)

VALLA, Margarida – O papel dos arquitectos e engenheiros-militares na Transmissão das formas urbanas Portuguesas

www.URL:http://urban.iscte.pt/revista/numero1/margarida.htm.

6.4. Outros recursos

CORREIA, A. – Arquitecta Aida Correia

Arquivos da Câmara Municipal de Tavira

Arquivo Histórico de Tavira

Biblioteca Municipal Álvaro de Campos

Campo Arqueológico de Tavira

Palácio da Galeria

Tavira, Concelho. Região de Turismo do Algarve, 2006.